

*Amor e medo
O cigarro
Os primos
Música e poesia
A herança do Cubeto
Sogra!
Cenas espíritas
Mulher de calças
Os cometas
Os intrigantes*



*Conto a vapor
Manias
Zóelio Derbino
História de um esqueleto
Eliano
Uma noite no quilombo
Um passeio aos Campos do Jordão
De Cuiabá ao Livramento
Na Serra de S. Jerônimo
Entre mortos e feridos...*



Coleção
Documentos

29

DIGRESSÕES LITERÁRIAS:

OS CONTOS DO MEU TEMPO
DE OSCAR LEAL



FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

**DIGRESSÕES LITERÁRIAS:
OS *CONTOS DO MEU TEMPO*
DE OSCAR LEAL**





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO – MAURO NICOLA PÓVOAS
1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

Francisco das Neves Alves

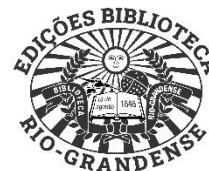
DIGRESSÕES LITERÁRIAS: *OS CONTOS DO MEU TEMPO* DE OSCAR LEAL



- 29 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2020

Ficha Técnica

Título: Digressões literárias: os *Contos do meu tempo* de Oscar Leal

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 29

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: Retrato de Oscar Leal estampado no livro *Contos do meu tempo*

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Setembro de 2020

ISBN – 978-65-87216-20-1

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e cinquenta livros.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)
António Ventura (Universidade de Lisboa)
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)
Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Francisco Topa (Universidade do Porto)
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)
Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Tania Regina de Luca (UNESP)
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Terras, rios, águas da minha pátria amada
Abri-me vossos braços. Sim dai entrada
Ao humilde forasteiro.

Quero conhecer e estudar-vos muito bem
Oh pátria mãe.

Quero ver os prodígios da natura
Ter embora meus dias de amargura,
Mas penetrar através de teus arcanos,
Ver-te embalada pelas cores do arrebol;
No tempo que corre e foge com os anos,
Hei de ver-te clara e brilhante como o sol.
Não julgueis em mim, audaz aventureiro
Que se arrasta e vaga em busca de ouro
Até alcançar à força vil tesouro;
Mas sim o pobre e forte caminheiro
Que só quer um dia após a ausência
Chegar perto dos seus embora roto e pobre,
Deixando cá e lá farrapos no caminho,
Como quem tem pátria e não tem ninho,
E com a luz que o consola
Mostra-lhes na sacola
Um punhado de ciência.

Oscar Leal – *Sombra e luz – Contos do meu tempo*

ÍNDICE

Oscar Leal, seus *Contos* e as viagens.....13

Os *Contos do meu tempo*.....47

**OSCAR LEAL, SEUS *CONTOS*
E AS VIAGENS**

Oscar Leal foi o típico intelectual que gravitou entre o mundo lusitano e brasileiro do século XIX, desenvolvendo interfaces nos dois lados do Oceano Atlântico. Nasceu no Brasil, mas sua família era portuguesa, de modo que sua escolarização inicial deu-se na terra de seus pais, para, posteriormente, empreender sua formação acadêmica em universidades dos dois países. Dentista por profissão e escritor por opção, Leal desempenhou seu ofício de modo itinerante, visitando vários lugares em busca de atender à saúde bucal de clientes em potencial, e, *pari passu*, escrevia sobre os locais visitados, bem como colaborava com jornais nas localidades que contavam com imprensa periódica. Em se tratando de Brasil, ele não se restringiu apenas ao litoral e às grandes cidades, pois sua preferência era pelos mais recônditos rincões do país tropical, tanto no sudeste como no nordeste e, mormente, nos grotões do norte e centro-oeste. Tinha assim uma predileção pelas regiões mais selvagens, vindo a estabelecer construções textuais que descreviam suas viagens pelas profundezas das zonas interioranas brasileiras.

O odontologista e escritor luso-brasileiro Oscar Leal (1862-1910) nasceu no Rio de Janeiro, mas era de ascendência portuguesa – seu pai era o comendador Jacinto Leal de Vasconcelos, natural da Ilha da Madeira –, de modo que, em seguida, deslocou-se para terras lusas, onde realizou seus estudos na cidade de Funchal. Sua formação educacional e acadêmica foi empreendida no eixo Brasil

– Portugal, vindo a formar-se em cirurgia craniana e dentária¹. Apresentava-se como especialista em doenças da boca, dentes e correções das deformidades nasais e como diplomado na América e Escola Médica de Lisboa². Ao lado de suas práticas profissionais, desenvolvidas muitas vezes em itinerância, enquanto empreendia viagens por várias partes do Brasil e do mundo, Leal promoveu uma significativa produção intelectual.

Sua obra incluiu variados títulos, dentre os quais podem ser destacados alguns a respeito de suas visitas ao Brasil: *Viagem ao centro do Brasil (impressões)*, de 1886; *Viagem às terras goianas (Brasil central)*, de 1892; *Contos do meu tempo*, de 1893; *O Amazonas*, de 1894 e *Viagem a um país de selvagens*, de 1895. Publicou também *Do Tejo a Paris*, de 1894; *Brasileiros ilustres: perfis contemporâneos*, de 1895; *O Manoel de Soiza*, de 1898; *Um marinheiro do século XV: romance histórico sobre a descoberta da Índia*, de 1898; *Uma mulher galante*, de 1899; *Através da Europa e da África (viagens)*, de 1901; e *Dentistas e “dentistas”*, de 1904. Ainda há referências à edição de outros escritos como: *Flores de abril*; *Filha do miserável*; *Palomita*; *Um conto do sertão*; *A questão do abade*; *Flores de maio*; *Excursões*; *As regiões de terra e água*; *A linguagem dos Cocamas*; *O parteiro*; *Zélia: amores de uma brasileira*; e *Clínica odontológica*³.

¹ BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900, v. 6, p. 339; e SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1894, t. 17, p. 131.

² LEAL, Oscar. *Dentistas e “dentistas” – crítica (de luva calçada) ao folheto de Francisco Ortiz O Dentista Moderno*. Lisboa: Livraria Editora da Viúva Tavares Cardoso, 1904. p. 1.

³ BLAKE, 1900, p. 339-340; SILVA, 1894, p. 131 e LEAL, 1904, contracapa.

Ao longo de seus itinerários e permanências, Leal estabeleceu contato com vários representantes do mundo intelectual, mormente no contexto brasileiro-lusitano. A partir de sua obra e reconhecimento, militou junto a várias instituições acadêmico-culturais. Nessa linha, foi membro da Sociedade de História Natural de Madri; das Sociedades de Geografia de Madri, Nova York, Rio de Janeiro e Lisboa; da Sociedade Espanhola de História Natural; dos Institutos Históricos de São Paulo e Bahia; da Arcádia Americana do Pará; do Grêmio Literário da Bahia; da Academia Literária do Real Instituto de Lisboa; da Sociedade dos Homens de Letras do Porto. Além dos livros, também teve destacado papel como editor e colaborador junto à imprensa periódica, meio pelo qual igualmente divulgou seus escritos. Foi diretor da *Revista de Lisboa* e dos jornais *Antessala*, *O Correio dos Clubes*, *Dentários*, *O Viajante* e *O Tributo de Letras*. Também esteve à frente da revista ilustrada noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica *A Madrugada*, editada em Lisboa, entre 1894 e 1896⁴.

A realização de viagens foi uma prática constante na existência de Oscar Leal, tendo percorrido várias regiões portuguesas, brasileiras e africanas, e visitado Paraguai, Bolívia, Argentina, Uruguai, França, Espanha, Itália e Inglaterra. Nesse sentido, além dos deslocamentos entre Portugal e Brasil à época de sua formação acadêmica e na prática de sua profissão, viajou “muito, não só pelo prazer de visitar os países estrangeiros, mas com o propósito de

⁴ LEAL, 1904, p. 1 e 66; BLAKE, 1900, p. 239; e PEREIRA, Esteves & RODRIGUES, Guilherme. *Portugal – dicionário histórico, corográfico, biográfico, bibliográfico, heráldico, numismático e artístico*. Lisboa: João Romano Torres & Cia. Editores, 1909. v. 4, p. 98.

estudar o que de mais notável” poderia vir a encontrar “no tratamento das doenças” que constituíam “a sua especialidade”. Por meio de tais viagens, “adquiriu magníficas coleções e reuniu muitas curiosidades dignas de menção”⁵. As excursões pelo Brasil se estenderam fundamentalmente nas duas décadas finais do século XIX, época em que ele, em períodos entremeados com retornos a Portugal, atravessou os sertões de várias regiões brasileiras.

Um dos locais em que o escritor permaneceu foi na capital pernambucana, Recife, onde chegou a fixar residência, estabelecer gabinete cirúrgico-dentário e contrair matrimônio com Ana Carlota do Rego Barros, em 1893⁶. Foi exatamente nesse ano que ele lançou o livro *Contos do meu tempo*, que trazia uma mescla de textos em prosa e verso, abordando temáticas variadas, sem deixar de lado a vocação da maior parte das composições de Leal – as viagens. A primeira parte da publicação era destinada aos contos, a segunda aos poemas, e a terceira às excursões, discorrendo mais amiúde sobre o assunto de sua predileção. Ocorria assim uma mescla entre a literatura de viagem e a narrativa literária voltada a descrever os tantos itinerários percorridos⁷.

Logo na abertura do livro, Oscar Leal estampava seu retrato, reproduzindo um hábito que marcou várias de suas publicações, no intuito de demarcar um

⁵ PEREIRA & RODRIGUES, 1909, p. 98

⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 mar. 1893, a. 40, n. 58, p. 1; e 28 out. 1893, a. 40, n. 230, p. 2.

⁷ Acerca da literatura de viagem e das abordagens de Oscar Leal a respeito do Brasil, ver : ALVES, Francisco das Neves. *Literatura de viagem: um país de selvagens na óptica de um escritor luso-brasileiro (Oscar Leal, 1886-1895)*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020.

possível reconhecimento não só pelo seu nome, mas também a partir de sua imagem. Em seguida, o autor dedicava a obra à memória de seu tio, Dr. Sebastião Leal, que chegou a ser presidente do Supremo Tribunal de Lisboa, apresentando a efígie do mesmo. Depois, demarcando os motivos daquele lançamento e buscando demonstrar uma falsa modéstia, outra de suas marcas registradas, ele lançava “Um pedido” aos leitores, declarando que “àqueles que desejam simplesmente matar o tempo e recrear o espírito, tenho uma coisa a pedir – é que na falta de melhor livro leiam os *Contos do meu tempo*”. O serviço editorial coube à empresa recifense Tipografia de José Nogueira de Souza, ficando demarcado à folha de rosto que estavam “reservados os direitos de autor”.

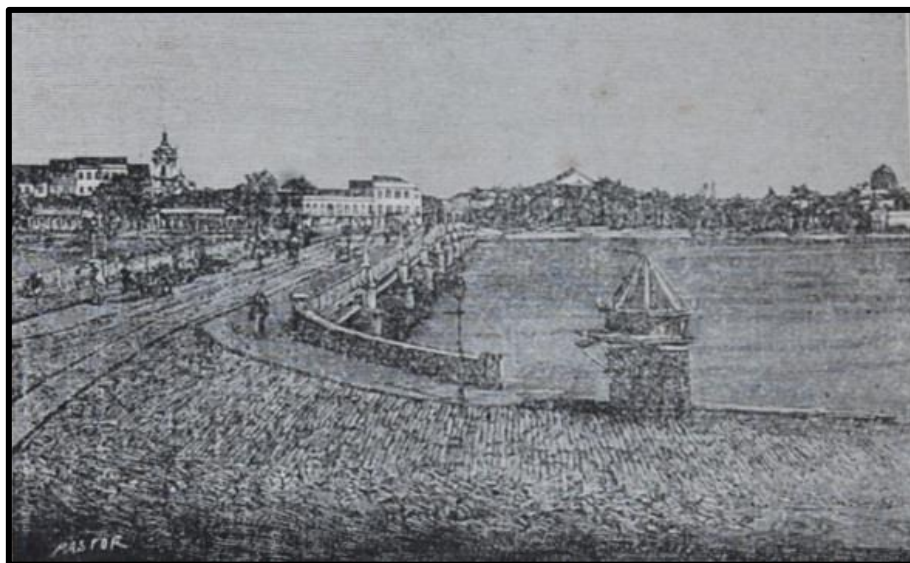
A imagem que aparecia na capa e na folha de rosto era uma paisagem da capital pernambucana, tanto que, ao final do livro, o autor explicava que “a gravura que orna o frontispício desta obra representa a ponte Buarque de Macedo, no Recife – Pernambuco”, complementando com uma descrição da figura, explicando que “ao fundo vê-se a torre da igreja de S. Francisco, o edifício da Intendência Municipal e o teatro de Santa Isabel, Palácios Presidencial e a Assembleia”. O livro foi editado com duzentas e duas páginas, das quais a “Primeira Parte – Contos” contém noventa e três; a “Segunda Parte – Flores de Maio” tem quarenta e cinco; e a “Terceira Parte – Excursões” apresenta cinquenta e nove páginas. Na contracapa apareciam as obras do escritor, “publicadas” e “a publicar”.



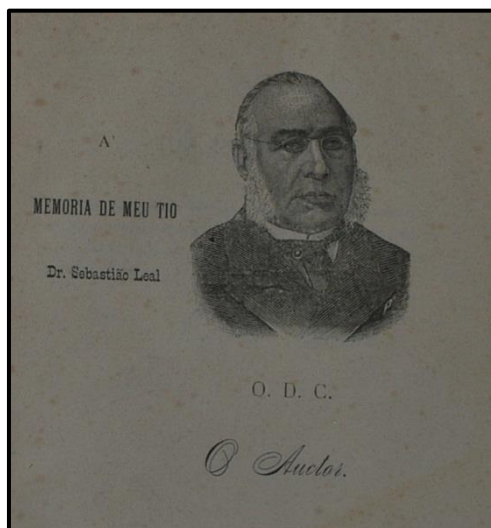
– folha de rosto de *Contos do meu tempo* –



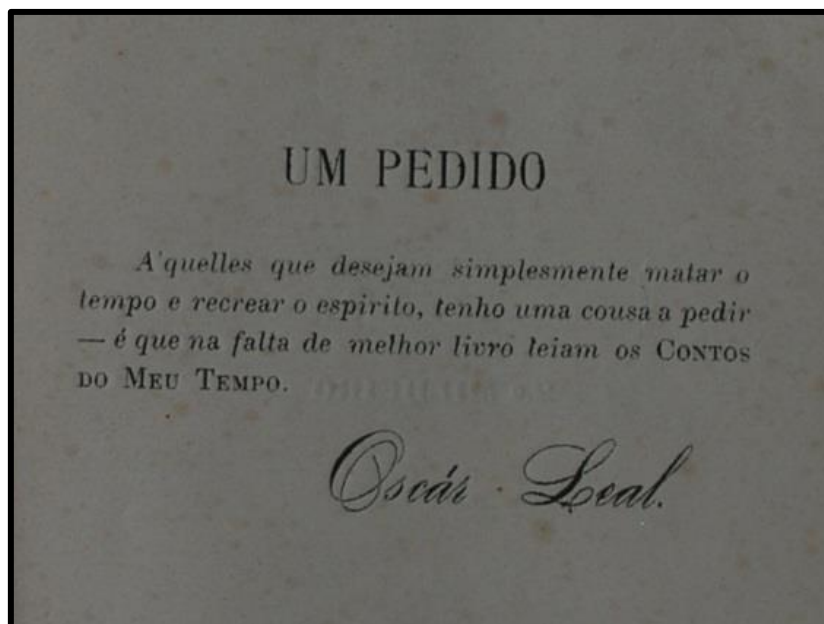
– retrato de Oscar Leal na abertura do livro –



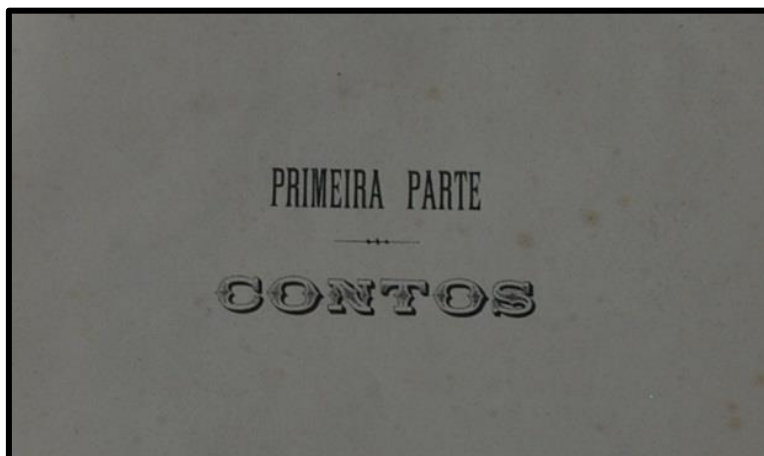
– detalhe da gravura da capa e da folha de rosto –



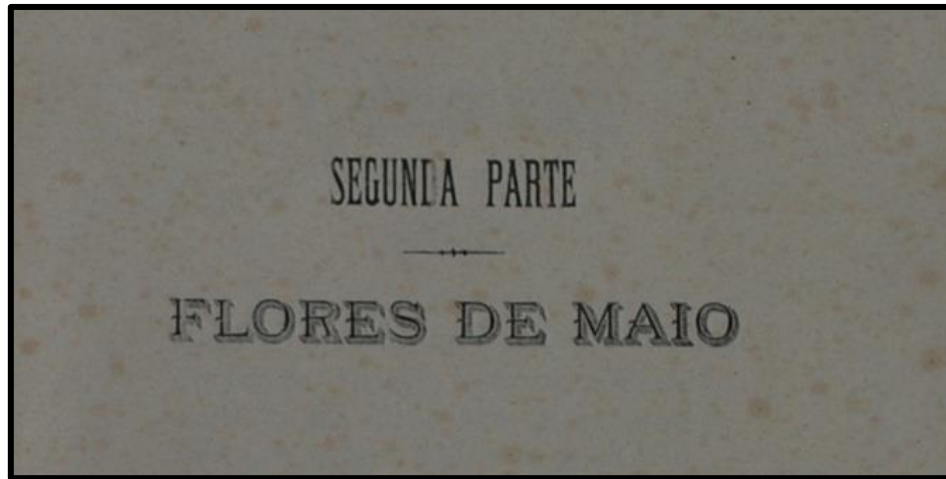
– dedicatória do livro –



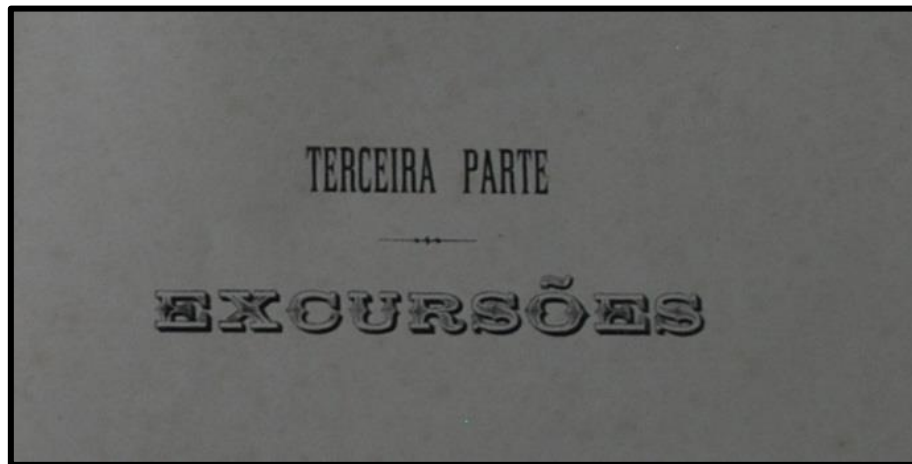
— aviso ao público —



— abertura do segmento inicial do livro —



– abertura do segmento voltado às composições poéticas –



– abertura do segmento dedicado às narrativas de viagem –

Contos do meu tempo foi uma das obras de Oscar Leal em que ele mais intentou aproximar-se da figura do literato, uma vez que na maior parte de seus livros sobre o Brasil ele apresentava-se como uma espécie de naturalista, ou seja, viajante “esclarecido”, com formação acadêmica que observava os lugares visitados pelo prisma da cientificidade. Não que ele tenha deixado de lado tal enfoque no livro lançado em 1893, uma vez que várias das suas visões de mundo afloravam nas páginas impressas no Recife, fosse o próprio olhar calcado na ciência, fossem suas ideias republicanas, abolicionistas e anticlericais. Mas, para além da descrição de suas incessantes excursões, ele pretendia lançar voos sobre um campo literário mais amplo que não apenas o circunscrito à literatura de viagem. Os resultados de tal empreitada foram limitados, ficando evidenciado que o escritor não abria mão do filão fundamental de suas composições, ou seja, a narrativa do viajante. A abordagem de *Contos do meu tempo* promovida nesta edição da Coleção Documentos é relevante, tendo em vista que no acervo da Biblioteca Nacional de Portugal, um dos mais completos em se tratando da obra de Oscar Leal, não há tal edição, ocorrendo a transcrição em pauta a partir de um exemplar da Biblioteca Rio-Grandense.

Desde o título que escolhera para seu livro, Oscar Leal pretendia centrar-se na elaboração de contos, embora também reservasse lugar para a poesia. Seus textos, entretanto, eram bastante ecléticos, bem de acordo com um dos hábitos do autor, na divulgação de seus trabalhos por meio do jornalismo. Ele intentou realizar contos, como um estilo narrativo de maior brevidade, o qual, em linhas gerais, admite vários assuntos, de conteúdo denso e psicológico,

impressionistas, fantásticos, simbolistas, regionais, de mistério e policiais, de fadas, orientalistas, de aventuras, entre outros; e cuja estrutura normalmente envolve um enredo e um ou mais personagens. Mas também incorreu na crônica, ou seja, uma espécie de conto curto ou narrativa condensada, que capta um flagrante da vida, pitoresco e atual, real ou imaginário, com ampla variedade temática e em um tom poético, embora coloquial da linguagem oral⁸. Seus contos/crônicas e poemas refletiam muitas das suas vivências, daí a prioridade que promovia em relação às interfaces com as viagens, estabelecendo-se uma inter-relação do texto com seu contexto, a qual ocorre a partir do universo de referências culturais de que o conjunto textual direta ou indiretamente provém e a que acaba por remeter. Assim, o contexto compreende elementos como as coordenadas ideológicas, as visões de mundo, os eventos históricos, os estilos de época e as dominantes de gênero⁹.

Os contos da primeira parte de *Contos do meu tempo* eram inaugurados com “Amor e medo”, o qual já iniciava com a tradicional descrição que o autor fazia dos lugares visitados, no caso um estabelecimento portuário, “no majestoso e poético Tocantins”, mais especificamente no Pará. Da concentração nos silêncios e sons da floresta, a narrativa passava para os ruídos musicais de uma festa, na qual o autor explicitava a sua versão muitas vezes repetidas sobre certos limites imputados aos povos que visitava, ao constatar a presença de

⁸ TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. p. 123.

⁹ REIS, Carlos. *O conhecimento da Literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 198-199.

“rapazes bastante amáveis, mas pobres de dotes elegantes”. Por outro lado, não deixava de manifestar sua atração pelos sertões do Brasil, demarcando que “ali tudo é modesto e belo”. Em seguida ele passava a descrever os dois protagonistas do conto, Zoélio e Mayaya, discorrendo sobre as possibilidades do romance entre ambos. Os enamorados haviam marcado um encontro, em lugar apartado das comemorações, o qual serviria para o desenrolar da trama. Ao abordar o local, o contista não deixava de descrever a natureza exuberante que ele tanto conhecera, bem como revelar sua admiração para com o país tropical, afirmando que tal localização estava em meio ao “imenso jardim verdejante e florido que se ostenta do Amazonas ao Prata e tem o sublime nome de Brasil”. O mistério da estória se dava na presença constante de uma sombra que adejava os dois amantes, um vulto que se desenhava como o vilão. Ao final, Zoélio via-se obrigado a partir, enviando uma carta para Mayaya, revelando que aquela criatura que parecia persegui-los “no seio das trevas”, não se tratava de uma presença concreta e sim figurada, ou seja, era o medo que sombreava o amor, diante da possibilidade de que o romance não viesse a dar certo.

O texto “O cigarro” aproximava-se muito mais de uma crônica, uma vez que o autor manifestava sua opinião sobre o objeto em pauta, destacando exemplos que corroboravam com sua impressão, de modo que não há um enredo ou personagens. Como indivíduo e como dentista, Leal expressava abertamente sua postura contrária ao ato de fumar, enfatizando todos os seus malefícios. O relato do viajante não deixava de aparecer, ao apresentar vários tipos de hábitos e atitudes quanto ao consumo do cigarro no Brasil, como no

caso dos “matutos” no sertão, chegando a citar uma ocorrência em que o fumo servira para elaborar uma solução bebível, misturado com aguardente, mel e outros ingredientes. O autor se referia também ao uso social do cigarro, como forma de introdução à conversa entre as pessoas, falando de sua ampla difusão, mas qualificando-o como uma “magnífica distração”, que, em verdade, constituía, um grande “veneno”. Chegava a traçar um breve histórico a respeito do tema em pauta, bem como destacava tentativas de proibição de tal hábito, considerando-as ineficazes para obter o seu fim. Pelo visto o escritor abandonara o hábito do fumo, pois em vários momentos de suas narrativas de viagem, mostrou-se compartilhando cigarros.

Uma crítica de costumes muito comum nas produções literárias do século XIX, referindo-se ao matrimônio movido por interesses, nos quais jovens eram submetidas pelos pais a casarem-se com homens mais velhos, era a temática de “Os primos”. A protagonista era Tiuca, uma jovem de dezesseis anos, que se viu na obrigação de unir-se com o “Sr. G.”, “um velhote cujos merecimentos consistiam na fortuna miseravelmente acumulada e no papel importante que representava na política da terra”. Ela era, entretanto, apaixonada pelo primo Lulu, “um rapaz folgazão, forte, esbelto e robusto” e deixou bem clara a sua aversão pelo velho pretendente, só vindo a aceitar a proposta, para não deixar de obedecer a vontade dos pais, mas impondo por condição que fossem morar em “terra grande”. O viajante Leal aparecia mais uma vez, ao referir-se às diferenças entre as pequenas localidades do interior e as grandes cidades, uma vez que Tiuca exigira ir morar no Rio de Janeiro, onde não haveria “más línguas”. A

conclusão lembrava muitas das histórias publicadas junto dos mais variados gêneros jornalísticos, com um olhar censório sobre aquele tipo de casamento, no qual, normalmente o velho obtinha seu intento, oferecendo riquezas para a noiva, mas ela, acabaria incorrendo no adultério. No caso de “Os primos”, não seria diferente, pois Lulu iria morar com o casal e, ao fim, o “Sr. G.” acabava por descobrir que não era o pai de seu suposto filho.

“Música e poesia” era uma historieta que retratava o cenário urbano da capital de Pernambuco, tantas vezes visitada por Oscar Leal e local que ele adotaria para residência. O conto traduzia algumas das vivências sociais de Recife, notadamente no que tange ao convívio nos clubes e abordava o desejo do “bacharel G.” por namorar Clarinha. A moça até se mostrava interessada, mas, com base em seus gostos, estabelecera por princípio que só teria “por marido um músico ou um poeta”. O enredo se desenvolvia a partir das tentativas do bacharel em adquirir a capacidade de executar algum número musical, embora lhe faltasse qualquer afinidade, chegando a ser desaconselhado, por faltar-lhe “ouvido” para ser músico e “estro”, para ser poeta. O final era tragicômico, com o suicídio do rapaz, deixando um bilhete para amada, no qual manifestava a certeza de que um músico ou um poeta, assim já o nasciam, sem condições de que viessem a ser feitos.

O olhar do viajante e o espírito anticlerical de Oscar Leal ficavam expressos em “A herança do Cubeto”, que descrevia a ação de um missionário jesuíta que se dedicara a atravessar “os inóspitos sertões” de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais, regiões que o contista já percorrera. O escritor opinava que o

grupo religioso ao qual pertencia o protagonista tinha na catequese apenas uma desculpa, pois seu fito principal seria o de se “apossar dos tesouros naturais”. Em uma dessas paragens, o frei recebera um “negro miseravelmente trajado”, que pretendia fazer sua confissão, na qual acabava revelando que encontrara dois enormes diamantes. Tanto o padre, quanto o negro viriam a falecer e o segredo de tamanha riqueza ficara sob guarda do índio Cubeto, que atuava como auxiliar daquele. Ainda assim, o indígena vivera com simplicidade, vindo a morrer e ser enterrado em cemitério de uma “pitoresca cidade mineira”. Ao final, o autor intentava despertar o interesse dos exploradores, tendo em vista que na cova de Cubeto poderia estar “o maior diamante do mundo”.

Outra composição que se aproximava mais da crônica era “Sogra!”, na qual não havia uma aproximação com a perspectiva da viagem, embora o escritor tenha buscado demonstrar o caráter de “testemunha ocular”, por tratar-se de episódio que teria ocorrido no seu “esplendor da juventude”. A historieta trazia alguns dos elementos bastante comuns em meio a obras literárias e jornalísticas de então, ao se referir a imagens do feminino, demarcando com certo preconceito que as mulheres só teriam atrativos enquanto fossem jovens, ao mesmo tempo em que o foco da crítica era a sogra, personagem dos mais vilipendiados naqueles registros textuais. A única personagem não era apresentada por um nome, apenas como uma moça cheia de beleza que encantava a rapaziada que a rodeava. De modo a não “ficar para tia”, expressão pejorativa usada para a mulher que não conseguia adquirir matrimônio, ela decidiu-se a casar e, segundo o escritor, a cada década que passava ficava mais

“velha, feia, horrenda”, chegando ao que seria a culminância de todos os males – a condição de sogra.

“Cenas espíritas” era um conto marcado pelas tintas do humor, da ironia e da sátira, descrevendo a força das crendices, as quais Leal tanto dizia ter encontrado em meio aos rincões brasileiros, e que eram tão antagônicas em relação ao cientificismo que ele tanto prezava. A estória tratava de Theodoro, rapaz considerado como “inteligente e versado”, que, mesmo cético, aceitou participar de uma sessão mediúnica, na qual acabaria por experimentar um contato com o espírito de sua falecida mãe. A progenitora do protagonista relatava as agruras que vivia no pós-morte, pois teria reincorporado em uma besta de carga, muito maltratada pelos humanos. Desde ali, Theodoro tornou-se um obstinado em encontrar o animal que seria a reencarnação de sua mãe, até concluir sua empreitada, comprando a besta que julgava a certa, intentando dar-lhe todo o conforto possível. Oscar Leal garantia que “a história é verdadeira”, trazendo a mesma por conclusão a perspectiva pela qual o rapaz ficara conhecido como “o louco” da localidade.

O tom jocoso era predominante também em “Mulher de calças”, que descrevia as ações de um sujeito que se orgulhava de suas conquistas junto às representantes do sexo feminino. Carlos era “uma espécie de D. Juan” que se julgava irresistível para as mulheres e, para comprovar sua fama, apostou com os companheiros que conseguiria um encontro com Candú, moça considerada como “muita séria” e portadora de “um coração de gelo”, ou ainda de “mármore”. A empreitada, portanto, não seria fácil e Carlos adotou a estratégia de enviar

uma carta à moça, pedindo que ela comparecesse a um encontro, em local ermo e a altas horas da noite. A cidade de Recife, lar de Oscar Leal naquele momento, era mais uma vez o cenário da narrativa, como ficava demarcado nos locais apresentados como ponto de referência. Candú acabava denunciando a investida do rapaz para os irmãos, que prepararam uma cilada para o conquistador, com um deles vestindo-se de mulher para esperá-lo no lugar da irmã. Carlos encontraria a falsa Candú, levando-a ao colo e passando por várias peripécias vinculadas ao peso carregado, pois “a pequena” tornara-se um “fardo” e até um enfrentamento com a polícia. A missão parecia ter chegado ao êxito, com a comemoração se estabelecendo em uma cervejaria, onde se dava o desfecho, no momento em que o “infeliz D. Juan”, descobria o engodo, levando uma pancada da “pequena” e vendo-se obrigado a pagar a conta, revelando a moral do conto, censória em relação aos pretensos sedutores.

Em “Os cometas”, o escritor abordava uma temática bastante relativa às suas vivências pelos sertões brasileiros. O texto outra vez se aproximava mais da crônica, estabelecendo apreciações sobre o significado do termo “cometa”. A princípio, o autor ressaltava que não trataria de temas astronômicos e sim de um outro sentido para o termo em pauta, esclarecendo que “a palavra cometa no interior do Brasil não significa astro”, e sim “agente, cobrador ou representante de qualquer casa comercial”. A partir daí, passava a estabelecer várias comparações entre o “cometa” astro e o profissional, mantendo uma abordagem bem-humorada na narrativa. Em seguida, descrevia os tantos apertos pelos

quais passavam aqueles que recebiam visitas dos “cometas/cobreadores”, apelando para as recordações oriundas de suas próprias experiências.

No texto “Os intrigantes”, também mais próximo do formato da crônica, aflorava o Oscar Leal jornalista, intentando demonstrar o quanto a intriga estaria a corromper as sociedades, mormente aquela manifesta por meio da palavra escrita. O escritor destinava os mais ferrenhos adjetivos negativos para os intrigantes, atribuindo-lhes pejorações como “almas vassentas”, “parasitas”, “miseráveis”, “covardes”, “vagabundos”, “pobres de espírito”, “vis”, “ignóbeis”, “perigosos”, “refinados safardanas”, “cães sem dono” e o “diabo em pessoa”. Leal lançava mão de seu pensamento anticlerical, aproximando a intriga à ação de “um jesuíta falcatrueiro” ou a uma “embustice jesuíta”. A crítica de costumes promovida pelo escritor propunha conclusivamente que, no desejo de paz e regeneração, a intriga deveria ser expulsa e o intrigante escorraçado do seio das sociedades.

A historieta “Conto a vapor” trazia algumas analogias com certas figuras que marcaram a formação histórica brasileira. Uma era o escravo carregando um recipiente com os dejetos domésticos, substituído pelo trabalhador livre, após a abolição, o qual exercia a mesma insalubre função, e que constituiu durante muito tempo o “sistema de esgotos” de várias das cidades brasileiras, como diversas vezes ficou registrado iconograficamente nas aquarelas elaboradas por viajantes estrangeiros ou nos desenhos caricaturais publicados nos semanários humorístico-ilustrados. A outra era o Zé-Povinho, personagem criado pelo caricaturista português Rafael Bordalo Pinheiro e que sintetizaria a

imagem do povo luso, o qual viria a ser importado para o Brasil para, notadamente nas folhas caricatas, representar o povo em geral, normalmente associado a características como simplicidade, submissão e inocência ou esperteza. No texto de Leal, o “Zé” era “o *home* do lixo”, que frequentava as casas para remover os detritos. Durante uma dessas visitas na casa de um “comendador”, ocorreria o sumiço de um anel, vindo o “Zé” inevitavelmente a ser alocado como suspeito. A conclusão se dava com uma tirada espirituosa, embora manifestada “humildemente” pelo acusado, para demonstrar indignação e na tentativa de defender sua honra ao ser chamado de ladrão e burro pelo dono da casa roubada. De certo modo, o breve conto manifestava a ojeriza do escritor para com os segmentos nobiliárquicos e comendatários e a carga sociopolítica que traziam em suas inter-relações com o regime monárquico.

O texto denominado “Manias” era outro que se assemelhava à estrutura da crônica, servindo o título apenas como indicação do todo em relação ao qual o autor iria abordar um tema em particular. Ao início do texto, havia uma explicação conceitual acerca da mania, para em seguida anunciar o assunto em pauta voltado a “um indivíduo possuidor da mania de discursar”. O personagem assumia um caráter genérico, pois não era identificado por um nome e a narrativa se concentrava nas amplas dificuldades que ele tinha para falar em público, vindo a invejar todo aquele que conseguisse se expressar verbalmente com alguma qualidade. As reflexões giravam em torno de maneiras de conseguir um avanço mínimo que fosse na conquista de algum tipo de

eloquência. O cenário era mais uma vez a cidade do Recife, como revelava o fechamento da estória, no qual o protagonista buscava substituir a fala pelo gesto, ao frequentar um restaurante, sem que deixasse de passar vergonha, agravando ainda mais a sua obstinação.

O conto “Zoélio Derbino” constituía uma descrição de certo microcosmo da vida mundana nas grandes cidades, no caso, a capital brasileira, o Rio de Janeiro, e suas agitadas noites. O personagem cujo nome já era identificado no título era um *bon vivant*, que se dedicava aos “prazeres e alegrias” da vida, trabalhando na redação de um jornal, ambiente muito bem conhecido pelo escritor. As “noites na orgia” do protagonista eram divididas com uma italiana de nome Fanica, formando casal que se tornara conhecido no âmbito boêmio. Entendendo que aquela vida não lhe daria futuro e percebendo que suas finanças extinguíam-se, Zoélio decidiu-se por uma alteração drástica, mudando-se para o interior, onde, apesar de uma nova conquista amorosa, acabaria por aperceber-se que não se adaptaria à rotina pasmaceira do local. Diante disso, ele decidia pelo retorno ao Rio, voltando para a “bela italiana” e para a “alegria infernal” da “vida alegre fluminense”. O fulcro do texto eram as amplas diferenças entre o ambiente urbano e o rural, com os grandes atrativos daquele sobre este.

Em “História de um esqueleto”, ao início do texto, Oscar Leal somava ao papel de narrador o de personagem, ficando evidenciadas suas predileções pelas narrativas de viagem. O cenário era nas proximidades de Lorena, em São Paulo, na região rural, local de “pobres e humildes casinhas cobertas de palha, a que o

vulgo chama de ranchos”, no qual ele encontrava um homem envelhecido, que levava “um viver triste e solitário”, embora gostando do lugar onde morava, pois “para ele aqueles sertões eram um paraíso”. A conversa entre Leal e o velho se desenvolveria a partir da existência de um esqueleto que este guardava com cuidado extremo, e da explicação para aquela tão estranha presença. A partir da “história do esqueleto” contada pelo ancião, se desencadeava um enredo que se passava nas regiões de preferência das explorações do autor, nas quais podiam ser notados “os ares puros dos campos, os prazeres da roça, as caçadas, os lundus e os sambas dos negros nas noites de luar”. A trama discorria sobre uma estória de amor que terminava em tragédia, com a morte de praticamente todos os seus integrantes, restando apenas o velho que, apesar de rico, restringira sua existência a velar pelo tal esqueleto.

O último conto da primeira parte de *Contos do meu tempo* intitulava-se “Elino” e se passava na zona rural do Rio de Janeiro, um dos tantos lugares que Leal visitou. A trama servia para que o autor manifestasse sua enorme aversão para com a escravidão, ao apresentar o capitão Raposo, descrevendo-o como “um homem bruto e ignorante, na última extensão da palavra”, além de ser um “inimigo do progresso e do desenvolvimento social”. Nesse sentido, tal latifundiário representava o típico senhor de escravos, com filiação ao partido conservador, ao ser definido como “escravocrata de força e vontade” vindo a constituir “o terror dos pobres negros”, além de ser “um ortodoxo, segundo a sua maneira de pensar e na política defendia o seu partido, guerreando todos os outros sem ao menos basear-se em quaisquer princípios”. Em tom de denúncia,

o escritor dizia que Raposo saciava seus “instintos bestiais” abusando sexualmente das escravas, chegando a com uma delas ter uma filha que recebeu o nome de Sinhara. Daí em diante o enredo se desenvolvia com uma passagem de tempo no qual ocorreria o afastamento do fazendeiro, deixando os negócios ao encargo do filho Elino, o qual viria a elaborar um estratagema para aproveitar-se de Sinhara, cujo estupro só foi evitado pelo retorno inesperado de Raposo, que evitaria o ato incestuoso, prostrando o “miserável” filho, bradando a ele que se tratava da própria irmã. Com “Elino”, o contista retomava o espírito abolicionista, usando como argumento básico a acusação contra as mazelas da escravidão, incluindo entre elas os abusos e as sevícias.

A segunda parte do livro de Oscar Leal ficava destinada aos textos versejados. O título, “Flores de maio”, era uma referência a inspiração floral, tão presente nas composições poéticas do século XIX. Ao final dos poemas aparecia o local onde ocorrera a sua elaboração, trazendo plenamente a perspectiva do caráter itinerante do autor, em suas constantes viagens. Ficava vislumbrada a maior parte das regiões brasileiras, ou seja, o sudeste, o nordeste, o norte e o centro-oeste, além das incursões à capital portuguesa, com deslocamentos ocorridos ao longo de mais de uma década: Cuiabá, 1881; Uberaba, 1884; Espírito Santo, 1885; Em viagem, 1885; Caravelas, 1885; Lisboa, 1886; Bragança, Pará, 1887; Vale do Amazonas, 1887; São Paulo, 1888; Pirenópolis, 1890; e Recife, 1893. Com formas variadas, os versos tinham por característica fundamental um destaque maior à dedicatória, do que ao próprio título.

Vários dos poemas apresentavam um fundo sentimental, dedicando-se a abordar questões amorosas, angústias e conquistas do escritor. “Soneto” era dedicado a Pinheiro Chagas, o escritor, político e jornalista lisbonense Manuel Joaquim Pinheiro Chagas, e era voltado a desiludir uma suposta “doce amada”. Amor e melancolia, destinado à “morena adorada”, eram os temas do poema sem título dedicado à Santinha Bittencourt, a romancista, contista e poetisa baiana, Ana Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt. A melancolia era o veio condutor dos versos sem título dedicados a Paula Ney, o poeta e jornalista, frequentador da vida mundana e noturna carioca, Francisco de Paula Ney. “Passatempo” também tinha o sentimento como ponto essencial, voltado à “gentil e meiga amante” e dedicado ao jornalista, biógrafo e historiador carioca Ernesto Senna.

Ainda no campo sentimental estava o poema “Ela”, destinado ao “anjo dos meus amores” e à “fada dos meus sonhos”, sendo dedicado a Cyriaco de Nóbrega, o escritor madeirense, Cyriaco de Brito Nóbrega. Na mesma linha, “Devaneio”, abordava o aspecto sentimental e as manifestações do autor de como “quisera ser...”, com dedicatória a Alberto Pimentel, o romancista, poeta, dramaturgo e biógrafo portuense Alberto Augusto de Almeida Pimentel. O alvo das atrações de Oscar Leal, o “belo sexo”, era o tema do soneto “Em tempo”, buscando descrever o avanço da idade e os seus efeitos sobre as mulheres, considerando o tempo como um “mal que não tem cura”, apresentando um lenitivo à velhice: “consolante com a sorte pobre amada”; tal composição poética era dedicada a Demóstenes de Olinda, o poeta e jurista pernambucano Demóstenes de Olinda de Almeida

Cavalcanti. Na composição “Rixa”, Leal manifestava incerteza se deveria amar uma “pequena”, em composição ofertada a Tobias Rosa, o jornalista mineiro Tobias Antônio Rosa. Em “Última data” aparecia o conquistador Oscar Leal, que se autorretratava como verdadeiro Dom Juan, descrevendo “quanta amante tive” e ainda, “amores tive, passatempo infindo”. Tais aventuras teriam terminado com a dedicação à *Niníta*, em referência à esposa, Ana Carlota do Rego Barros. Este último poema era ofertado a Guerra Junqueiro, o poeta, jornalista, político e funcionário público brigantino Abílio Manuel Guerra Junqueiro.

Memórias e vivências de Oscar Leal também afloraram nos versos de sua autoria, como “Mocidade”, que traziam recordações de “quando era criança”, ofertados a Filinto de Almeida, o escritor, poeta e dramaturgo, portuense de nascimento, vindo a radicar-se no Brasil, Francisco Filinto de Almeida. Os tempos de boêmia, mormente os vividos na capital portuguesa, também serviram como temática para suas composições poéticas, como “Noites de orgia”, na qual ele lembrava as “noites de Lisboa, noites de orgia” e a conquista de uma “bela, gentil e querida amante”, a qual servira até que colocasse outra em seu lugar, em dedicatória a João Barbosa, o engenheiro e naturalista mineiro João Barbosa Rodrigues. Na mesma linha, “Um desejo” retratava mais uma vez os tempos vividos no âmbito lisbonense, sobre os quais dizia: “Só quero meu tempo alegre gozar”, sem “paixões” ou “amores”, em texto poético ofertado a Manoel Arão, o escritor, jornalista e teatrólogo pernambucano Manoel Arão de Oliveira Campos.

Algumas das visões de mundo do autor, notadamente no campo político-cultural, se manifestaram em seu versejar. Foi o caso de “Duas vítimas”, manifestação antiescravista que retratava um cativo envelhecido que tinha receio por vir a ser vendido novamente, o qual era dedicado a Arthur de Azevedo, o escritor, poeta e jornalista maranhense Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo. Em homenagem a Virgílio Vidigal, o escritor, poeta, professor e jornalista capixaba Virgílio Rodrigues da Costa Vidigal, um poema sem título trazia a lume o anticlericalismo e o republicanismo de Oscar Leal, ao afirmar: “Eu não gosto de ver o santo jesuitismo/ Trancar o mundo no obscurantismo;/ Não posso tolerar que gente estulta/ Em busca de títulos e nomeadas/ Seja amiga das testas coroadas”. Já no texto poético sem título com dedicatória “A três tipos”, Leal desancava um político conservador, que vivia das aparências e objetivava desfrutar das oportunidades que lhe apareciam.

O Oscar Leal viajero também aparecia nos poemas estampados no segmento de seu livro denominado “Flores de maio”. Foi o caso do poema sem título ofertado a Alfredo Fleury, o jurista e escritor goiano Alfredo Augusto Curado Fleury, no qual o poeta mesclava questões sentimentais, com as recordações dos “belos prazeres da juventude” e o ambiente bucólico do Cachoeiro, um dos tantos lugares em que estivera. “Sombra e luz” era dedicado ao Marquês de Paranaguá, João Lustosa da Cunha Paranaguá, político piauiense, que ocupou vários cargos no executivo e no legislativo do Brasil imperial, e enaltecia uma “região tão rica e vasta”, que no “mundo amplo agreste além se

esconde”, bem como as “terras, rios, água da minha pátria amada”, que pudesse receber o “humilde forasteiro”.

As belezas do mundo vistas pelo satélite natural do planeta era o mote em “A terra e a lua”, escrito em oferecimento a Guimarães Passos, o poeta, jornalista e funcionário público alagoano Sebastião Cícero dos Guimarães Passos. Os tantos rincões visitados por Leal apareciam em “Paixão”, referente à “rude vida do sertão”, com a qual ele tanto convivera, em dedicatória ao militar, político e jurista goiano Félix Jaime. Finalmente uma espécie de autobiografia aparecia em versos sem título dedicados ao próprio Oscar Leal, afinal seria ele aquele que melhor compreendia a si mesmo. Nessa composição poética, o escritor manifestava seu pendor anticlerical, dizendo não gostar de frades, e antimonárquico, explicitando seu desprezo aos “vis que têm a alma tirana” e o ódio aos “grandes que jazem de pé ao lado dos reis”. O viajante também ficava evidenciado, na afirmação de que entrara “no grande mundo, como rapaz honrado, ou *touriste* lesto ou forasteiro, que passeia e corre o mundo inteiro e os dias tem gozado”.

A terceira parte de *Contos do meu tempo* destinava-se exclusivamente à especialidade do autor vinculada à narrativa de viagens, tanto que seu título era “Excursões”, com sentido de viagem ou digressão de estudo, de recreio. Ainda que a descrição fosse predominantemente ligada à abordagem do real, nas observações do autor, não deixava de haver algumas interfaces com a ficção ou até com o imaginário, por meio de uma abordagem por vezes romanceada. Tal segmento era composto por cinco textos independentes, o primeiro vinculado a

uma experiência do escritor com um grupo de quilombolas em região próxima à divisa entre São Paulo e Minas Gerais; o segundo a uma incursão a uma localidade paulista; o terceiro a um deslocamento no âmbito mato-grossense; o quarto destacava a exploração de uma zona montanhosa igualmente localizada no Mato Grosso; já o quinto trazia uma experiência de Leal com moradores da localidade mato-grossense de Corumbá; todos eles tendo por característica comum a passagem do narrador pelos rincões interioranos brasileiros.

“Uma noite no quilombo” iniciava com a descrição do ambiente visitado, na Serra da Mantiqueira, em região fronteiriça entre São Paulo e Minas Gerais, na qual eram observadas “inúmeras paisagens repletas de variados matizes” que se desenrolavam “aos olhos de qualquer viajante”. Após algum tempo, o narrador em sua cavalgadura se apercebia perdido, passando a temer por sua segurança em meio aos perigos do anoitecer na floresta. Buscando rebuscar a narrativa com ares de suspense e heroicidade, Leal descrevia a necessidade de eliminar um dos obstáculos do caminho, matando uma serpente pronta a dar-lhe um bote. A situação desesperadora levaria o protagonista a um encontro inesperado com um negro que o levaria para um lugar seguro, verificando com surpresa que se tratava de um quilombo. A partir de tal chegada, Leal descrevia minuciosamente a vida dos quilombolas que, “no silêncio das selvas”, livravam-se “dos senhores maus, dos feitores bárbaros, do cortante azorrague, das amarguras do tronco” e “do trabalho insano do eito”. A narrativa prosseguia com a história de vida apresentada pelo líder dos negros, caracterizando uma existência de desgraças que demarcava o viver dos escravos no Brasil. Oscar

Leal demonstrava significativa empatia com a causa daquela “gente rústica” que lhe dera “provas de sincera e leal hospitalidade”. Já na sua ideia estava a divulgação daquela aventura de “uma noite no quilombo”, que se afigurava como “um sonho, um romance”, exaltando aquele povo que atuara como seu “anjo salvador”.

O texto “Um passeio aos Campo do Jordão”, como uma dedicatória a Valentim Magalhães, o jornalista, escritor e poeta carioca Antônio Valentim da Costa Magalhães, voltava-se a uma excursão em tal local, no interior paulistano, “cujo nome poético”, por si só, já estaria a despertar o “irresistível desejo” de conhecê-lo. À medida que avança pelos grotões interioranos, o autor encantava-se com a paisagem, chamando atenção para o “sublime contraste da natureza”, qualificando como “doce” o ato de “tão livremente aspirar um ambiente impregnado do grato aroma das flores campestres” e destacando o “encanto” proporcionado pelo “mais sublime e original panorama” vislumbrado. Em seguida, passava a descrever o clima da região, qualificando-o como “o melhor do Brasil”, daí a presença de grande número de pessoas que buscavam cura ou ao menos lenitivo para seus males de saúde, mormente os de natureza respiratória. Tal viagem era datada com o ano de 1883 e, ao despedir-se, Leal se via “contemplando em silêncio as sublimidades da natureza”.

O deslocamento “De Cuiabá ao Livramento” era a temática do outro texto, que abordava, em meados de 1891, a necessidade de permanência no Mato Grosso, diante da qual, Oscar Leal, seguindo o que denominava como “gênio e temperamento” avesso a ficar “à toa”, e que servira como fator motor para a

viagem. Apesar de certa admiração também pelas grandes cidades, o autor revelava seu “gosto e prazer” em relação “aos cambiantes da natureza”. A partir de então, ele deixava para trás a capital mato-grossense e desbravava as várias localidades que encontrava pelo caminho, saudando a forma hospitaleira pela qual era recebido, enfatizando a “afabilidade que em geral tanto distingue o povo brasileiro, de modo que, mesmo nas mais longínquas localidades, “o forasteiro ou o peregrino” não se viam abandonados. O objeto do viajero era a Vila do Livramento, a qual foi descrita minuciosamente e caracterizada como “uma povoação que oferece agradável perspectiva ao viajante”, tanto que, ao despedir-se, Leal afirmava que partia “saudosamente desse lugar”.

O “desejo de galgar” uma “temível” região montanhosa mato-grossense era o mote de “Na Serra de S. Jerônimo”. Leal se propôs a avançar pelo irregular terreno, travando “ingente luta” para vencer “a misteriosa montanha”, a qual só teria sido explorada até então pelo “sábio americano Dr. Herbert Smith”. Era uma referência ao naturalista estadunidense Herbert Huntington Smith, que, nos anos 1880, promovera expedições na região amazônica e do Rio de Janeiro ao Mato Grosso, vindo a organizar publicações sobre seus deslocamentos. Oscar Leal dava ênfase aos “obstáculos que vencia corajosamente”, tendo por recompensa o fato de que, à medida que subia, “o espetáculo aumentava de imponentia e amplos, dilatados horizontes ficavam a descoberto”. Ele cada vez mais buscava dar ares de bravura à sua excursão, dizendo que estaria “fazendo prodígios e sem pensar nos perigos a que me expunha”, pois não pretendia desistir da subida, de modo que “dali só sairia a caminho do túmulo”,

descrevendo em minúcias os perigos que se antepunham ao seu avanço. Vencidos os obstáculos, a paisagem e o terreno eram descritos detalhadamente, havendo também alusão à presença de indígenas na região. Após incursão à mata e à descida, Oscar Leal manifestava orgulho por ter estado “onde talvez nunca criatura civilizada tivesse penetrado”.

A instabilidade política que marcou os primeiros tempos da implantação republicana no Brasil, redundando por vezes em movimentos armados e no acirramento dos ódios e paixões de natureza pessoal e/ou partidária era o cenário de “Entre mortos e feridos...”. Oscar Leal se referia a sua permanência na localidade de Corumbá, no Mato Grosso, entre 1891 e 1892, bem na época em que “a revolução” sacudira tal região, como consequência da tentativa de golpe de Estado perpetrado por Deodoro da Fonseca, em seu intento fracassado de fechar o Congresso Nacional, gerando levantes em várias partes do país. Era também um momento histórico de forte cerceamento à liberdade de expressão, havendo sérias restrições à imprensa. Leal, colaborador em um jornal local, sentiria bem próxima a repressão, chegando a ser ameaçado de morte por um militar, qualificado pejorativamente como “um homem de maus instintos, sanguinário e malvado na última extensão da palavra”, vindo a tornar-se o seu “mais rancoroso e encarniçado inimigo naquelas paragens”. Mais uma vez atribuindo a si mesmo uma bravura desmedida, o escritor passou a preparar-se “para evitar a sanha dos bandidos”, em uma cidade que “estava sob o domínio do terror”. Com o avanço da guerra civil, seu algoz teria cometido “as maiores barbaridades que é dado imaginar”, mas acabaria morrendo, tendo em vista uma falha no

armamento que utilizava. Ao contrário da maior parte das narrativas de Leal, voltadas a descrever o ambiente natural e urbano visitado, naquele texto a preferência era a de destacar um microcosmo das tantas agitações que sacudiram o Brasil durante a transição da monarquia à república.

O livro *Contos do meu tempo* consistia uma retomada e rememoração das tantas viagens empreendidas por Oscar Leal ao longo do interior de várias das regiões brasileiras. Mesmo que anunciados como “contos”, os textos por vezes se assemelhavam ao formato da crônica, abordando uma temática mais específica em tons geralmente opinativos. Já naqueles que tomavam a forma mais reconhecida do gênero propriamente dito, com personagens, cenários e enredos, o contista apresentava limitações em sua lavra, notadamente por causa de certas falhas nas tradicionais reviravoltas que marcavam esse tipo de composição, assim como os desfechos normalmente pouco surpreendentes. O segmento poético trazia forte carga de natureza autobiográfica, com a descrição versejada de vários momentos da existência do pretenso poeta. Finalmente, nas “Excursões”, Leal parecia encontrar-se mais à vontade, por trilhar um terreno que compunha a maior parte dos escritos de sua lavra.

Direta ou indiretamente as viagens continuavam a ser o fio condutor de suas composições, vindo a edição a ocorrer em Recife, exatamente no momento em que ele fixara residência, após um longo período de sua vida marcado por incansáveis deslocamentos. Por meio de *Contos do meu tempo*, ele reunira colaborações alocadas junto à imprensa periódica dos tantos lugares que visitou, as quais eram somadas a textos inéditos, todos eles vinculados às

reminiscências de Oscar Leal, que, como “humilde forasteiro”, “pobre e forte caminheiro”, ou simples *touriste*, aventurara-se por “terras e águas”, em busca dos “prodígios da natureza” do Brasil. Este livro se articula com o Estágio Pós-Doutoral realizado junto à Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras (Assis), Programa de Pós-Graduação em Letras, sob a supervisão do Prof. Dr. Alvaro Santos Simões Junior.

OS CONTOS DO MEU TEMPO

UM PEDIDO

Àqueles que desejam simplesmente matar o tempo e recrear o espírito, tenho uma coisa a pedir – é que na falta de melhor livro leiam os CONTOS DO MEU TEMPO.

Oscar Leal

PRIMEIRA PARTE
– CONTOS –

Amor e medo

A vacilante claridade difundida pela lua, que se coava vagamente através das tétricas nuvens do inverno, em um ponto no majestoso e poético Tocantins, vê-se diante do competente cais de madeira uma dúzia quando muito de barcos e canoas, como abandonados pelos tripulantes, mas devidamente presas com correntes e cipós, por causa da correnteza do rio.

Daquelas águas não se levanta o mais distinguível ruído, nem nos bosques da outra margem se ergue mais do que o piar agoureiro de algum pássaro noturno, em entoação discrepante com o esfarrapado coaxar dos sapos e das rãs, errantes nos atoleiros e pantanais cobertos por luxuriante vegetação.

Excetuando-se o soprar hostil do vento entre uma solenidade sepulcral, tudo estava mudo.

Enquanto, todavia, a natureza se banha nas trevas e no sossego absoluto da noite, de além perto daqueles cais, parte um rumor alegre, vaidoso; vozes alegres de jovens que passam o tempo mortificando o corpo numa valsa com o dom de arrastar e provocar até o momento final.

As melodias arrancadas a meia dúzia de instrumentos são arrebatadoras, ainda mais onde não abundam os conhecedores da matéria. Em volta dos músicos alguns rapazes bastante amáveis, mas pobres de dotes elegantes, formam círculo, lançando cada qual de vez em quando olhares furtivos ao belo

sexo, em que distintamente paira com mais realce a veloz fruição dos verdes anos.

Entremos nessa sala onde o luxo com certeza não é de pasmar, senão a beócios e peralvilhos e deitemos de soslaio um olhar sobre essa chusma de pálidas provincianas paraenses, que por si reúnem todos os atractivos, imãs encantadores destas festas.

Que diferença!

Como ali tudo é modesto e belo. Um baile de roça pródigo de encantos.

As fitas como enfeites nos vestidos e as rosas cravadas aos punhados entre os cabelos, constituem o principal adorno.

Há ali uma bela, uma morena encantadora, que de vez em quando desaparece e se some por entre as cortinas das portas anteriores.

Qualquer mais sagaz notaria nos seus modos alguma coisa fora do natural, parecendo mesmo agitada por uma comoção febril.

Repentinamente, como querendo desvencilhar-se, mas num andar tardio, é cercada por um mancebo que lhe diz:

– Tens par para esta quadrilha?

– Não danço agora, estou incomodada; respondeu a moça, com grande pesar do jovem que como parente, julgava-se com mais direito a receber tal honra.

E foi-se novamente da sala depois de cambiar com alguém, disfarçadamente, um sorriso de satisfação, ao mesmo tempo em que soava no relógio da sala vizinha meia noite.

A orquestra anunciava, com um prelúdio animador mais uma contradança e o dono da casa, um respeitável ancião dos seus oitenta janeiros, de cabelos brancos como a neve, feições compridas e angulosas, velho mas forte, gordo mas leve, ia e vinha de um para outro lado, deixando perceber em seu rugoso semblante a satisfação de que se achava possuído, ao festejar por esta forma o aniversário de uma neta.

.....

Mayaya, assim se chama a jovem de que tratamos, é uma encantadora criança de dezessete primaveras, morena de olhos pretos e brilhantes, faiscando sob compridas pestanas, e deixando sempre entreabrir os lábios, o mais gracioso, o mais provocador sorriso que se possa idear.

Mayaya é a fada, não só do seu bairro como de todo o baixo Tocantins. Por quantos a conhecem não é amada, é adorada. Gentil e bela, com outros dotes de somenos importância, possui o indispensável para pisar o solo da felicidade.

Ultimamente, porém, ouvira as declarações apaixonadas de um jovem e percebeu desde logo que o amava. Talvez uma ilusão, mas o caso estava à luz da verdade e Mayaya julgou haver inspirado amor a esse mancebo, crendo-se por ele firmemente adorada.

Este moço não fazia mais do que estudar as mulheres. É um boêmio que pisa hoje o solo da aristocracia, da mesma forma que amanhã, confundindo-se na plebe, esconde o seu nome, o nome de sua família, para cientificar-se onde está o verdadeiro gozo, isto é, se o gozo entre os grandes que se arrastam triunfantes no regaço da riqueza, acompanhados pela sombra do crime muitas vezes; se o mesmo gozo entre o pobre artista, aquele que vive honradamente do seu trabalho, útil à sociedade e por todos os meios estimado e respeitado.

Zoélio amará Mayaya?

Mayaya amará Zoélio?

É o que não sabemos. Todavia aquele mancebo possui um bondoso coração e todo ancho de sua dignidade é incapaz da grandeza selvagem do mal e também inacessível a qualquer entusiasmo, desde que esse entusiasmo vá de encontro à retidão de seus preconceitos.

Talvez Zoélio quisesse obter de sua bela uma prova evidente do seu amor e por este motivo combinara uma entrevista a meia noite, perto da casa onde reinava neste momento a alegria e talvez a felicidade.

Sempre precatado, Zoélio, a fim de evitar incômodos, soubera de antemão preparar as coisas da melhor forma possível.

Até a meia noite, por várias vezes abandonara a sala do baile, sumindo-se, ora nos aposentos exteriores, ora mesmo parecendo buscar ao ar livre aspirar um ambiente mais impregnado do aroma dos bosques.

Quando dois corações se entreabrem para a afeição, quando ao verem-se pela vez primeira conheceram que desde logo se amavam, o maior óbice não é um estorvo, é o orvalho benéfico que os vai refrescar, dar mais vida e mais vigor, debaixo de um apego e uma contumácia forte e poderosa.

Havia batido meia noite dissemos nós. Era a hora aprazada.

Quando a bela Mayaya pôs os pés no solo, sentiu crescer aos olhos um brilho febril e deixou cair por descuido uma rosa sobre o chão lamacento. Trêmula, palpitante, abaixou-se rapidamente, apanhando a flor.

Estava a poucos passos do local designado. Havia uma concentração em todo o seu ser, neste desejo intenso que sentia de achar-se a sós por um momento com o adorado do seu coração.

De repente quis perceber na profunda escuridade que a rodeava, uma sombra, um vulto ainda mais negro que a noite, como que chegando e sumindo-se rapidamente.

Será acaso um fantasma, uma alma do outro mundo?

Oh não! Mayaya era suficientemente educada e bastante sagaz, para não acreditar em lobisomens.

Mesmo em criança, ainda menina, historietas dessa laia não lhe cabiam na mente.

O coração batia-lhe de uma forma inusitada.

Felizmente, ainda não estava bem em si, quando sentiu a pouca distância um ruído nas folhas secas. Certo de que Mayaya ali estava, era Zoélio que seguia ao seu encontro.

Mais uma data gloriosa nas páginas da sua vida.

Oh! sublime quadro, perdido nas trevas de uma noite!

A lua espargia neste instante seus pálidos raios sobre o majestoso Tocantins, ao mesmo tempo que Mayaya ouvia a voz de Zoélio febril, ofegante; o seu olhar perdia-se de encontro novamente à sombra de há pouco, quando uma brisa sudoeste passou sorrateiramente agitando os seus cabelos negros.

A água do rio tinha uma ondulação preguiçosa, e à sombra dos bosques, nas duas margens, o silêncio era absoluto. Os sons harmoniosos, soando no salão e ouvindo-se no local do colóquio, pareciam dar maior realce ao brilhantismo deste quadro.

E o tempo voava.

Era forçoso separarem-se e quanto antes. A última parte da quadrilha ia terminar.

A flor que caíra ao chão, apesar de antes ter varrido a lama, era agora propriedade de Zoélio.

Foi o único mimo que Mayaya pode ofertar ao seu apaixonado. Era o seu retrato, o retrato de sua beleza.

Mayaya é uma flor ou mais que isso, é um anjo.

Uma dessas morenas sedutoras que se acham ocultas pela modéstia neste imenso jardim verdejante e florido que se ostenta do Amazonas ao Prata e tem o sublime nome de Brasil.

A lua se escondia sobre uma nuvem pardacenta e no meio dessa profunda escuridão acabava de surgir a sombra de há pouco.

Feliz visão ou terrível realidade? Como saber?

E dessa feita era Zoélio quem a divisava e que dizia:

– Vês, Mayaya?

E ela respondia presa a seus braços:

– Vejo, mas...

– Mas... é sombra, queres dizer. É chegado o momento de reflexão, reanimemo-nos portanto. Um dia explicar-te-ei o que significa essa sombra que nos persegue nesta ditosa ocasião. Por hoje adeus, é tempo, a quadrilha findou.

O estalar suave e prolongado de um beijo, perturbou por instantes ainda o sossego da floresta virgem.

Depois, as verdadeiras sombras daqueles dois jovens sumiam-se nas sinuosidades do bosque em direção à morada.

.....

Passados dias, Zoélio recordando-se saudosamente de sua bela Mayaya saltava na formosa Cametá.

Era meia noite em ponto, a mesma hora enfim, e pisando um dos cais dirigia-se à sua residência. As ruas pareciam desertas, e para cúmulo de todos os males, os lampiões jaziam quase todos apagados!

Dir-se-ia que Cametá dormia nas trevas, transformada em solitário bosque.

De repente Zoélio, ao dobrar de uma esquina, sentiu como um choque elétrico em todo o corpo, produzindo-lhe uma efervescência de espanto e enfado.

Uma sombra, um vulto e este era real. Um vulto que se afastava rapidamente.

Uma figura escura como a noite, preta como o carvão, lobrega como um vilão, veloz como o avestruz. Envolvia-se num extenso manto ou talvez numa batina.

Um roupeta! Um padre!

Um servo de Cristo!

Que andaria o melcatrefe fazendo por ali aquelas horas?

Esse vulto, esse S. Benedito em pessoa, causou horror a Zoélio, que por isso apertou o passo em direção à sua morada.

Passados minutos entrava no aposento.

Era tempo de repouso, mas o sono falhava e sentando-se a uma pequena mesa, Zoélio pegou da pena entregando ao papel estas linhas:

Querida Mayaya

Parto amanhã, assim é preciso.

O amor que por ti sinto a outro jamais poder-se-á igualar. Amo-te louca e apaixonadamente.

Para lenitivo de tamanha saudade resta-me a flor que ofertaste. Ela me recorda esses momentos felizes que estive a teu lado, que aspirei o teu hálito, que estreitei-te em meus braços.

É ocasião agora de explicar-te o que encerrava essa sombra que julgamos nos perseguir no seio das trevas. Essa sombra reproduz-se nesta frase apaixonada, neste canto delicioso, nesta inspiração sublime que imortalizou um coração que também amou.

“Amor e medo.”

O medo alimentava a sombra, a sombra que rodeava o nosso amor.

Abre as “Primaveras” do grande poeta brasileiro Casemiro de Abreu, e lê mais uma vez estes versos:

*“Como te enganas, meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segredo;*

*Se de ti fujo é que te adoro louco,
És bela, eu moço; tens amor, eu medo.”*

O cigarro

O cigarro!

Eis aí um objeto que deveria merecer o máximo desprezo, de todos aqueles que infelizmente empregam o seu uso.

O cigarro tem passado até nossos dias por vários períodos de modas e transformações.

A arte tem-lhe dado a última de mão e vemos hoje cigarros de todos os tamanhos, de todos os feitios e até de todas as cores.

Os fumos (tabacos) são preparados por vários modos.

Os matutos preferem o fumo cheiroso e gordurento e para prova basta lembrar o fato seguinte.

Uma vez, não com pouco espanto, vimos que um taverneiro de roça não podendo encontrar fregueses para o sortimento de fumo que tinha em casa, fê-lo ferver dentro de um tacho juntamente com certa quantidade de aguardente, mel e outros ingredientes, a fim de o tornar, segundo ele mesmo dizia, mais agradável ao especial gosto da freguesia!

O cigarro serve muitas vezes para ajuda de uma apresentação ou de uma despedida.

Quando um sujeito é desconhecido numa roda e deseja nela entrar, faz sempre dele uso e com bom resultado. Primeiro os cumprimentos, depois a oferta que dá ao novo circunstante ares de pessoa amável, desejando, sobretudo, entabular conversação.

Um cobrador é que sabe perfeitamente o valor que tem a oferta de um cigarro ao freguês quando lhe entra pelas portas a dentro.

Quase sempre se ouve isto.

– Boa tarde, como passou?

– Bem, muito obrigado.

– Então está pela terra, hein?

– É verdade, cheguei há pouco. Quer um cigarro?

Ambos lançam lume aos ditos e depois é que principia a obra.

O cigarro é o companheiro inseparável do homem quando viaja, do filósofo quando medita, do artista quando trabalha, do poeta quando cisma, e finalmente do infeliz encarcerado, que nele encontra um lenitivo para os seus sofrimentos.

Se bem que seja uma magnífica distração, é também um veneno que livremente vai dando cabo da humanidade.

Quantos incêndios se não originam por pontas de cigarros de fumantes descuidados?

Quantas pessoas sofrem e padecem por fazerem uso e abuso do cigarro?

Entretanto no nosso país a liberdade de fumar é notória.

É um vício que acompanha o homem desde o berço até o túmulo. Mas oh vício peçonhento, nauseabundo e atrevido, que o presente te olvide e condene, e que o futuro nem de ti se recorde.

Quantos pais temos visto, que acham imensa graça em ver os nhonhês ainda há pouco fora dos cueiros, já de cigarrinho na boca! Entretanto é considerado como falta de respeito um rapaz fumar na presença do autor de seus dias.

Depois que Colombo descobriu o Novo Mundo, é que o cigarro entrou em moda e uso na velha Europa, com o sinistro fim de amortilhar a humanidade.

Foi um condenado de nome Nicot, quem para aí o levou, entrando em Portugal no ano de 1560.

Em vários jornais dos Estados Unidos do Norte, apareceu há tempos uma proibição formal dirigida aos senhores negociantes, para não venderem fumo sob pena de multa e prisão, a menores de dezoito anos.

Julgamos porém que tal ordem jamais poderá seguir os desejados efeitos, pelos meios ao alcance que tem a mocidade de conseguir havê-lo quando desejar.

Assim é que finalmente nas horas de ócio tanto se delicia o diplomata, recostado em vistosos divãs, fumando um havana de lei, como o mais humilde

safardana se alegra nas espeluncas públicas em que vive, tragando as espessas fumaças de um charuto de vintém!

Os primos

Tiuca, como familiarmente a tratavam, acabava de completar as suas dezesseis primaveras.

No mesmo dia, os pais fizeram-lhe saber que dentro de um mês teria de casar com o Sr. G., um velhote cujos merecimentos consistiam na fortuna miseravelmente acumulada e no papel importante que representava na política da terra.

Todavia Tiuca amava o primo Lulu muito em segredo, um rapaz folgazão, forte, esbelto e robusto, que não cessava de a provocar.

A sua situação desde esse dia tornou-se horrível, por lembrar-se que como boa filha não podia deixar de obedecer aos pais.

Uma tarde propositalmente encontrou-se ela na sala a sós com o velhote pretendente e disse-lhe nas bochechas:

– Sei que pretende a minha mão.

– É verdade.

– Sei até que meus pais a concederam sem me consultar. Ser-vos-ei franca em poucas palavras.

Eu não vos amo, porque a vossa idade e as vossas cãs poder-me-ão quando muito inspirar repugnância.

O Sr. G não desanimando reprimiu um sorriso mal contido e disse:

– Persisto agora mais que nunca, querida Tiuca. O vosso proceder mais acrisola o amor que me abrasa o coração. Os anos não me arrefeceram o entusiasmo. Demais... deveis pensar no futuro...

– Enquanto o senhor pensar no passado.

– Escuta. Como minha esposa serás brilhantemente colocada no pináculo da escala social, serás mulher de um chefe político que foi, de um ex-deputado e ministro que ainda pode tornar a sê-lo, porque isso só depende de mim, compreendes?

No Rio de Janeiro terás carruagens, cavalos de raça, lacaios, sedas, veludos; irás aos grandes bailes, ao Lírico, ao Cassino e causarás inveja às outras mulheres...

Tiuca refletiu e disse:

– Promete-me uma coisa?

– Qual?

– Que viveremos sempre em terra grande, no Rio de Janeiro, por exemplo, onde não haja más línguas?

– Ora essa, porque não?

– Promete?

– Prometo.

– Pois sou... sua.

E casaram-se até antes do dia marcado.

.....
.....
Quase sete anos depois é que os vamos encontrar, por ocasião do aniversário do Juca, o filhinho mais velho do ditoso casal.

A mesa estava cheia de convidados e os criados andavam em volta num verdadeiro corrupio.

A cabeceira principal da mesa era ocupada pelo primo Lulu, tendo à direita o Sr. G. e à esquerda sua gentil esposa.

O Juca que nunca deixava de fazer das suas, voltou-se de repente para o pai que parecia triste quando todos estavam alegres e disse num infantil tom de censura:

– Papai você não parece amigo de mamãe.

– Porque, meu filho? disse o velhote.

– Porque nunca vejo abraçá-la, nem beijá-la, nem...

– Ora essa, menino, que lembrança!

– Pois olha, há outro homem que parece ser mais amigo de mamãe que você...

– Porquê?

O Juca levou um beliscão, mas ingenuamente respondeu.

- Porque quando papai não está em casa ele abraça-a, beija-a e...
- Quem é esse homem?
- É aquele, o primo Lulu.

Tableau.

Música e poesia

Havia terminado o concerto no Clube Carlos Gomes e Clarinha ouvia ainda enlevada em doce fascinação os ternos e meigos galanteios, os elogios e louvores de seus numerosos admiradores.

Clarinha acompanhara ao piano a ária do Fausto.

Al pallido chiaron

Di astri d'ori...

cantada pelo artista lírico Scaparelli.

Ia dar-se começo ao baile.

Entre os convivas havia um que parecia meditar fitando-a de instante a instante e esperando uma oportunidade para lhe apresentar os seus fracos cumprimentos.

Era o bacharel G., um tipo simpático, de olhos vivos, fisionomia expressiva, representando ter uns vinte e oito anos de idade.

Todos o encontram nos salões, nos restaurantes e nos teatros, em toda a parte, vaidoso de tal beleza, elegante até a afetação, sustentando embora com dificuldade sua posição entre os mancebos que constituem hoje, a fina flor do pelintrismo pernambucano.

Há muito que o bacharel G. se achava apaixonado pela formosa Clarinha, no entanto ainda não se manifestara.

Temia uma repulsa porque a ouvira certa ocasião dizer que só desejava ter por marido um músico ou um poeta.

Ele sabe que Clarinha ama a música e a poesia, levada às vezes ao excesso por viva inclinação.

E o bacharel tinha raiva de si próprio, lamentava-se, sentia um pesar imenso de não conhecer música, gostando, no entanto, de ouvi-la.

Às vezes tinha desejos de ser uma espécie de D. Luiz da Baviera, poder cercá-la de todo o esplendor, satisfazer todas as suas exigências, mas ser ele o único a ouvir-lhe a voz argentina, provar-lhe sozinho em arroubos de entusiasmo a sua admiração pela arte de Verdi; estudar-lhe os gestos, os modos, a expressão e cair-lhe aos pés todas as vezes em que o delírio o fizesse baquear de egoística satisfação.

Ainda desta vez o bacharel G., depois de tudo isso pensar, pela vigésima vez lembrou-se de que não era músico, nem poeta.

.....

A oportunidade de lhe falar apresentara-se. Clarinha conversava distraída a uma janela com a sua simpática amiga Judith.

Neste instante a orquestra dera começo à execução da valsa *Sobre as ondas*. O bacharel acercando-se respeitosamente lhe ofereceu o braço e o

simpático par imiscuiu-se rapidamente na chusma de valsistas, sem reparar no poeta Demóstenes que a um ângulo do salão, torcia o bigode e exclamava ainda de si para si:

“Fomos ambos culpados.

Tu – por um capricho,

Eu – pela loucura...”

Vacilante o bacharel rompeu o silêncio num momento de descanso e disse a Clarinha.

– Sabe que a amo?

– Já uma vez me disse doutor, mas sabe que se sou cruel é por temperamento, por amor do belo. Só me casarei com um músico ou com um poeta.

O bacharel tornara-se lívido de pesar, mas tornou resolutamente:

– E se ainda vier a sê-lo?

– Então... serei sua.

– Minha!

– ... Porque amá-lo-ei com dobrada veemência.

– Pois bem, sê-lo-ei.

E dentro de alguns minutos o bacharel G. descia a escada do Clube Carlos Gomes, convicto de que a força de vontade vale mais que tudo neste mundo.

Correu em busca de um professor no dia seguinte, falou com o Gervásio de Castro, procurou na redação do *Diário* o misterioso crítico da *Musiciãna* e todos lhe disseram que dentro de um ano poderia perfeitamente executar e talvez cantar a tal ária do Fausto.

Al pallido chiaron

Di astri d'ori...

Sem perda de tempo, o bacharel G. comprou um piano e tomou um professor, mas dentro em pouco este disse-lhe ironicamente que nunca podia ser músico, porque lhe faltava ouvido, no mesmo dia em que o João Barreto lhe dissera que nunca pensasse em ser poeta porque lhe faltava estro.

Terrível desilusão!

O piano estava desafinado, os vizinhos furiosos e cansados de ouvi-lo e a *Gazeta da Tarde* lembrou a conveniência de acabar com a teimosia, recolhendo-o à sala dos loucos na Detenção.

Mas ontem mesmo o capitão Magalhães, subdelegado, procurando-o em sua casa à Rua da Concórdia, foi encontrá-lo morto sobre o leito, tendo um revólver numa mão e a seu lado a seguinte carta:

Clarinha

“Mato-me porque nunca mais te posso ver nem ouvir, e cré que morro certo de que o poeta nasce, não se faz, e o músico também.”

G.

A herança do Cubeto

F. R. Berry foi um missionário jesuíta que penetrou na América com o fim de entrar na catequese dos índios, segundo reza a história.

Este jesuíta tinha a cabeça de forma oblonga, a cara sempre no corte da navalha, a testa alta e a tez corada.

O nariz adunco fendia no fim da venta esquerda.

As faces eram chatas, o rosto oval e o pescoço rechonchudo conservando um ar particular junto à nuca.

No mais um todo javardo e eis a sua fotografia em poucas palavras e sem retoques.

Conquanto seja-nos impossível certificar a pátria, podemos, contudo, garantir ser europeu.

Viera para o Brasil com outros companheiros e a título de civilização, penetrara nos mais longínquos sertões de Minas e Goiás com o fim principal de se apossar dos tesouros naturais que só por esse meio poderia descobrir, a fim de enriquecer a companhia.

Ouro e pedras finas eis o que buscava.

Estes maganões, como é sabido, só ambicionam a riqueza, aparentando, entretanto, a mais viva modéstia.

E todos esses valores alcançados à sombra da religião, têm sido empregados em puras inutilidades, criadas para o mais perverso de todos os fins, aguardando que o povo se encarregue totalmente de as eliminar.

Berry, o homem da capa negra, tinha por camarada e companheiro um índio da tribo dos Carajás, nas margens do Araguaia, único que se podia tornar o tanque de seus sigilos.

Depois de muitos anos gastos em explorações sem fim mais seus companheiros, Berry viu-se por fim longe deles e só o fiel índio se achava a seu lado, em ocasião que atravessava os inóspitos sertões de Goiás e Mato Grosso, até que o acaso deu consigo nas margens do Parnaíba, divisas de Minas com aquele estado.

Uma vez ali buscou a Bagagem, ponto então muito procurado pelos garimpeiros e para passar o tempo durante a sua demora no lugar, entregou-se às práticas religiosas.

Era por uma noite quente do mês de dezembro que o vamos encontrar a sós no seu aposento.

Há vinte anos que estava na América, vivendo embora muitas vezes com regalia, mas quase sempre por culpa do seu temperamento especial, sozinho como um cão leproso, abandonado do mundo e da sociedade, que pretendia desfrutar.

Nos últimos anos, temerosa desdita o seguia, aguardando tranquilamente a vinda de melhores dias.

De repente, levando uma mão aos cabelos ergueu-se, caminhando em direção a uma janela, talvez para observar o estado atmosférico.

Leve bater em uma porta o deteve e logo viu na sua frente o índio, que ia avisá-lo de que alguém o esperava para falar no aposento próximo.

– Quem será esse importuno... a estas horas! E sem se fazer esperar para lá se dirigiu.

Não me enganei, voltou ainda entre dentes vendo que a pessoa que o procurava, era um negro miseravelmente vestido. Que desejas tu meu rapaz!

– Confessar, sim senhor, respondeu o preto humildemente.

– Às nove horas da noite! Dar-se-á caso que estejas em véspera de te despedires do mundo!

E como súbita ideia o fizesse mudar de pensar, tornou-lhe paulatinamente – Pois bem, escutar-te-ei em nome de Deus. Aproxima-te e ajoelha.

O negro obedeceu.

Fr. Berry, porém, ávido de curiosidade e convicto de que alguma coisa extraordinária se ia passar, pô-lo imediatamente em confissão plena.

.....

Quem era esse negro miseravelmente trajado, vergando ao peso do trabalho diário, de mãos calejadas?

É o que vamos ver.

Talvez o homem mais rico daquela terra, aliás, no futuro, do todos o mais infeliz.

Declarara ele a Fr. Berry ser escravo de fuão, Casemiro, e ter achado duas lindas pedras – diamantes, uma das quais havia já entregue a seu senhor.

Não obtendo ao menos a realização de seus sonhos, resolvera confiar o seu segredo a Frei Berry e tomar dele conselho sobre que destino devia dar à segunda, visto que temia não alcançar de seu egoístico senhor a liberdade, que só e só ambicionava.

A segunda pedra pesava em estado bruto trezentos e quarenta quilates, e a outra apenas duzentos e cinquenta e quatro.

De posse do segredo e do segundo diamante, prometendo ao preto realizar em breve seus desejos, partiu Fr. Berry daí a poucos dias em direção ao Rio de Janeiro, mas depois de tormentosa viagem, chegou apenas à cidade de Uberaba, onde permaneceu em tratamento, acometido de cruel enfermidade.

Agravando-se o seu estado de dia para dia, não tardou o frade a exalar o último suspiro.

.....

Tempos depois da morte de Fr. Berry, correu a notícia do falecimento tanto do senhor, como do escravo que achara as pedras e ambos na maior penúria.

O infeliz cumpriu a promessa de guardar segredo e com ele foi para o túmulo, como se a sorte o tivesse a si mesmo amaldiçoado, depois de ter-lhe sido favorável.

A primeira pedra, que é conhecida com o nome de Estrela do Sul, anda hoje nas mãos de grandes mundanos e tem sido a varinha de condão de muitas mulheres ricas, que a alugam para os grandes bailes a um célebre joalheiro de Paris. O seu valor é calculado em mil e tantos contos!

Quanto não valeria a outra?!

.....

No entanto, alguém ficara de posse do segredo e do enorme diamante.

Era o índio que supersticiosamente a ele atribuía o falecimento do amo e sem se importar com o seu valor, conserva-a ocultamente ao pescoço num imundo amuleto.

Vivia comodamente de alguns haveres que lhe foram destinados, recebera do vulgo a alcunha de *Cubeto* e assim lhe foram correndo os anos, habitando um pequeno casebre no bairro dos Estados Unidos em Uberaba.

Muitos admiravam simplesmente a vida singular do Cubeto e outros garantiam ser ele um feiticeiro de alta monta. Os supersticiosos chegavam a afirmar que se reunia todas as noites em um conselho de bruxas e fantasmas, mas, é de ver que não passava de estulto boato.

.....

Por esse tempo já havia sido construído um cemitério bem no seio da pitoresca cidade mineira.

Essa obra talvez seja em dia não remoto, aumentada a população, a causa de uma grande hecatombe, se não tratarem em tempo de remover o mal. Essa população em grande parte se abastece com a água que nasce a poucos metros de distância do cemitério, e, no entanto, a infiltração da matéria orgânica tem-se dado sempre e cremos que se continua a dar, porque muita gente é cega por teimosia e só distingue o visível do aparente, depois do desfecho fatal.

Aproveita a nossa história esse fato, porque o Cubeto ali foi sepultado e temos esperança de que um dia revolvido esse terreno, talvez haja quem consiga descobrir o famoso amuleto e com ele o maior diamante do mundo.

Sogra!

Eu era menino, lembra-me bem, quando a conheci no esplendor da juventude.

Era um anjo.

Mais de vinte moços a namoravam e ela correspondia a todos, deixando sempre perceber nos rosados lábios um sorriso malicioso. Se lhe piscavam um olho, ela piscava os dois.

Devido a isso, deram-lhe a alcunha de namoradeira.

Os poetas faziam-lhe versos e comparavam-na a Lua, a Vênus, chamavam-na de veadinha que se arreceia do caçador, de violeta que oculta seus perfumes nas folhas rasteiras do solo, de morena dos druidas, Sibila dos gregos, diva dos magos, estrela condutora, musa do trovador de Veneza, brisa de primavera, terral do inverno e tanta coisa de que não mais me recordo. A muitos parecia haver mais de angélico naquele ser do que de mortal da proscrição humana.

Um dia casou-se, porque, dizia ela depois, uma moça bela como era, não havia de ficar para tia. Que ficassem as que a mimoseavam com a alcunha de namoradeira. As invejosas, essas caras feias.

Casada, continuou a aparecer nos salões, nos passeios, em toda a parte onde a elegância predomina.

Dez anos depois estava cheia de filhos, uns traquinas que não lhe permitiam um momento de descanso. Tornou-se nervosa.

Foi ao espelho e percebeu que o rosto começava a apresentar rugosidades.

– Que inferno, disse consigo.

Mas não era nada. Havia um recurso... pó de arroz, as tintas, as cores.

Todavia mais dez anos decorridos, estava velha, feia, horrenda. Perdera os dentes... um horror. Gritava o dia inteiro, falava e queixava-se de tudo e de todos.

Ainda algum tempo decorrido, então é que foram elas.

Adivinhem agora o que é ela hoje.

É... sogra.

Diabos a levem.

Cenas espíritas

Um sujeito de vinte e poucos anos, alto, bem apessoado e, segundo a voz pública, inteligente e versado era o Theodoro.

Sete anos antes ficara órfão de pai e mãe e por esse motivo abandonara os estudos, assumindo a direção do estabelecimento que àquele pertencera.

Certa ocasião convidaram-no a tomar parte numa sessão espírita e, sem refletir nas consequências, para lá se encaminhou.

A princípio riu-se e julgou mesmo ter diante de si uma súcia de loucos, incluindo a médium, uma jovem formosa e de gênio meigo, que pelos seus dotes ocupava magnífico lugar na sociedade em que vivia.

Theodoro não queria nem podia admitir a existência de crentes. A seu ver, tudo aquilo era produto de uma combinação, um meio de desfruto e nada mais.

Todavia chegou a vez de por suas próprias mãos experimentar e invocou, como é costume em segredo, o espírito da autora de seus dias.

Decorreram alguns minutos e o seu semblante havia tomado a cor própria dos anêmicos. Agora já não ria, estava sério e lembrou-se de que, por mais instruída que seja uma pessoa, dá fiel cópia de sua ignorância, quando antes de conhecer os fenômenos espíritas se mete a deles escarnecer.

Pouco a pouco, com as bem acertadas respostas, foi ficando perplexo e confuso, para finalmente com esta tornar-se lívido.

A finada respondera-lhe que o espírito estava numa besta e que sofria muitíssimo, suportando diariamente grandes pesos, recebendo de humanos brutos bordoadas a valer, muita coisa mais e terminando por implorar a filial proteção.

Theodoro saiu dali pasmo e confuso depois do que vira e ouvira. Passou o resto da noite a refletir, sem conseguir conciliar o sono.

Nos dias seguintes, todas as bestas dos vizinhos eram por ele cuidadosamente examinadas, e nenhuma dava ares de ser a infeliz autora de seus dias.

Tendo-se dado o óbito sete anos antes, claro estava de que a besta procurada deveria ter essa idade.

Certo dia, porém, estando nisto como de costume, sentado à porta do estabelecimento, eis que por uma dessas coincidências terríveis e fatais, ao passar na estrada uma besta carregada de enormes fardos, como em busca de descanso, dele se acercou tentando espojar-se quase a seus pés.

Esta besta tinha justamente sete anos de idade, nascera nos pastos de um seu primo e vizinho!

Theodoro como louco e possesso atirou-se a ela e no auge de uma alegria bestial, abraçava-a gritando desesperadamente.

– Minha mãe! Tu és minha mãe!

E como sua mãe não pudesse valer pouca coisa, resolveu o caso pela sorte entregando ao arrieiro todo o dinheiro que tinha em caixa nessa ocasião, na importância de dois contos de réis.

Depois mandou fazer uma cocheira-chalé, um cabresto de prata e com uma solicitude verdadeiramente filial, principiou a tratar do feliz animal.

A história é verdadeira, garanto, e ainda há pouco tempo vendo aquele sujeito abraçado ao animal perguntaram-me:

– Quem é ele?

– É o Theodoro, o louco.

– E aquela besta?

– Aquela besta... é a mãe dele.

Mulher de calças

Carlos é um rapaz inteligente, astuto mesmo, mas sofre de um mal que ataca muitos. Tem a mania de pretender passar por uma espécie de D. Juan. Julga ter nascido para Boccaccio e como este, quer até ter prosélitos, e verdade é que não os tem por princípios, mas pelo desejo irresistível de o desfrutarem.

Pensa o contrário.

De si para si o próprio mundo parece-lhe pequeno, para conter as aspirações do seu espírito e julgando-se belo, insinuante, busca dar expansão a sua pouca coragem.

Há dias passava ele com dois companheiros pela Rua da Aurora e vendo ao longe uma jovem à janela disse-lhes:

- Sabem vocês quem ela é?
- A Candú... uma moça muito séria.
- Dizem que tem um coração de gelo.
- De mármore digo eu.
- Qual mármore nem qual gelo. Vocês são uns parvos. Apliquem-lhe as bichas e verão que cai como um patinho.
- Impossível.

– Querem apostar?

Apostamos... e perdemos dez garrafas de cerveja, se fores capaz de conseguir um *rendez-vous* a sós com ela.

– Está dito.

O Carlos foi para casa e refletiu dois minutos, depois pegou da pena e escreveu:

Minha bela Candú

“Amo-te apaixonadamente e para te fazer crer na veracidade do meu amor, preciso ter contigo uma entrevista ao lado do portão que dá para a travessa.

Irei lá à meia noite.

Não fiques assustada se me vires em traje estranho, porque os tempos são maus e exigem mil precauções.

Se fizeres o que te peço, a tua felicidade é certa; serás a mulher mais feliz do mundo, pois bem sabes que não me faltam meios. Cuidado, muito segredo e não faltes.”

Teu Carlos.

A negra velha, quitandeira da esquina, foi quem levou a cartinha e como teve do Carlos boa propina, deu à pequena conselhos de arromba.

A Candú, no entanto, não esteve pelos autos e mostrou a carta aos irmãos, combinando estes entre si, um meio de se vingarem do atrevido.

Ficou estabelecido que um deles munido de grosso cacete, se vestiria de mulher para em lugar da irmã, esperar o biltre nos fundos do quintal.

E foi feito.

.....

No relógio da Matriz da Boa Vista acabavam de soar as doze badaladas da meia noite e os galos soltavam os primeiros cocoricós nos seus poleiros.

O reflexo dos vidros escuros dos lampiões da Rua da Aurora parecia ofuscado pela brilhante escuridão dessa noite, não permitindo a alguém que por ventura ali passasse, ver dois vultos acorados ao lado de um muro em ruínas.

Decorridos alguns momentos de silêncio, trocaram-se estas palavras:

- Lá vem ele.
- Repara como caminha devagar.
- Mudou de trajo, que patife!

E passou.

O vulto que era de Carlos ficou estático alguns segundos.

Mal sabia ele onde se aninhavam os amigos.

Uma voz parecia-lhe dizer:

– As trevas da noite te cercam. O gênio maléfico abriu-te suas asas fúnebres e sobre tua fronte flutua o crepe da desventura, mas não importa, mostra que é homem até o sacrifício.

Carlos continuou a andar e próximo do muro pôs-se a escutar, depois de alguns instantes galgou-o e uma vez do outro lado disse a meia voz:

– Está aí Canduzinha?

Outra voz fraca e débil respondeu.

– Aqui benzinho.

O Carlos, ébrio de alegria pela nova conquista, atirou-se a ela num amplexo amoroso.

– Anjo adorado? e ela respondeu:

– Meu coração!

Depois, cingindo-a em terno abraço, disse-lhe ainda.

– Pareces mais magra. Estás sem espartilho. Olha quero levar-te a minha casa para te falar tranquilamente e a gosto.

Acompanhar-te-ei novamente de madrugada.

– Pois vamos... mas... dói-me um pé.

– Não é nada, levar-te-ei ao colo ou às costas. E, sem vacilar, ébrio de glória, agarrou-a pela cintura, passou pelo portão e seguiu pela rua fora.

Quase corria. Próximo ao cais, avistou dois vultos e julgou ser a polícia que lhe está já no encalço.

Parou mas não tremeu.

Ele esperava que os companheiros só o procurassem no dia imediato para o cumprimento do dever.

Querendo evitar um encontro, tomou pela ponte Santa Isabel e continuou a marcha, meio esbaforido, calculando que a pequena tornava-se então cruel, servindo-lhe de fardo.

Próximo ao jardim, viu-se repentinamente cercado de praças, que sem se acercarem dele o intimaram a depositar em terra a carga.

E diziam assustadas.

– É uma peça de artilharia!

– Qual, é dinamite!

– Um revolucionário.

– Ou um gatuno, dizia outro.

– Nada disto senhores é... minha mulher, que... teve uma síncope...

Salvaram-no os companheiros, que o seguiram como vimos.

– Alto! disse um deles. Este rapaz é nosso amigo e homem de bem.

Quem falava incutia perfeitamente no espírito dos soldados a crença de que o caso era para rir e o desgraçado D. Juan viu-se livre deles quando menos esperava.

– Ganhaste a partida disse o outro.

E dirigiam-se para a Rua 15 de Novembro que a essa hora estava quase deserta.

– A pastelaria Camargo ainda se acha aberta, vamos até lá.

– Mas como?!

– Vamos que estou com sede, respondeu a pequena, ocultando sempre o rosto nas dobras do xale, e seguindo agora pelo braço de Carlos, novamente radiante de glória.

Chegados ao botequim, entraram e tomaram assento.

Lá se achavam ainda a palestrar o Carízio de Barros e o Marrocos.

– Dez garrafas de cerveja, disse um.

– Queremos beber à saúde de Carlos.

E beberam, estranhando todos a maneira por que a pequena os imitava.

– E por conta de quem é a despesa? perguntou afinal o empregado, de mãos nos bolsos e sorriso nos lábios.

Aí é que foram elas.

A pequena como devem saber, que era um homem, descobriu o rosto e erguendo persuasivo cabo de vassoura, disse ao descarregá-lo nas costas do infeliz D. Juan:

– Por conta deste tratante.

Os cometas

Estou a ver desde já o leitor chamar-me pedante.

Eu, a mais obscura e humilde criaturinha, perfeito ignorante das coisas além-mundanas, meter-me agora a falar do que vai lá pelas grandes alturas!

Da astronomia ou da ciência moderna.

Criticar talvez mesmo as observações do Sr. Cruls do Observatório, ou os estudos recentes do sábio Camilo Flamarion.

Este nome que é uma glória universal e um gênio do século décimo-nono.

Completo engano! O caso aqui é diferente.

A palavra *cometa* no interior do Brasil não significa astro. Indica também como atributo todo aquele que é agente, cobrador ou representante de qualquer casa comercial desta ou daquela praça. Contudo há uma certa analogia entre um e outro.

O cometa astro ora aparece em um ponto ora em outro. O cobrador imita-o perfeitamente.

É fato sabido que em certos sítios longínquos onde impera a superstição e a ignorância, ficam às vezes milhares de pessoas horrorizadas com a presença repentina, de um cometa-astro na abóboda celeste.

Pois a mesmíssima coisa sucede entre o cometa terrestre e o freguês que sem o esperar, não se acha prevenido com os cobrinhos, em busca dos quais aquele vem. Quantas e quantas vezes não foge e se esconde, receoso de se ver atormentado por tão *digno* hóspede. E a família, os vizinhos!

Que revolução!

A presença de um *cometa* em lugar sertanejo é motivo terrível de desgosto para os negociantes em atraso, já se sabe.

Um *cometa* no interior dos Estados é quase sempre portador de notícias esquisitas, que divertem e alegam o bom povinho.

O *cometa* representa sem querer papéis variadíssimos no exercício prático de sua profissão. Quase sempre é a simpatia que garante, protege e lhe dá o direito de expor e realizar as ideias que faculta em seu cérebro.

Umaz vezes é engraçado, outras, ridículo, e daí as queixas e mofinas que o acompanham. Aqueles, porém, que transgridem, somem-se para sempre; eclipsam-se, deixam de ser *cometas*.

O patrão, o sol que o ilumina, retira-lhe a luz, despedindo-o.

O *cometa* é ainda um verdadeiro tipo de estudante em férias. Canta, ri, dança, joga, chacoteia e alguns há que são bem amigos de prestar tributo a Baco.

Coisas de rapazes finalmente...

Um *cometa* velho no meio de moços, serve a estes de conselheiro, de amigo e companheiro, porque embora velho é sempre rapaz.

E já viu o leitor um *cometa* velho que não seja pilhérico, alegre e pachorrento? Nunca com certeza.

Não há nada mais divertido do que se assistir a entrada de um *cometa* na casa do freguês. Muitas vezes não indo para efetuar cobranças, trata de querer-lhe impingir fazenda a todo custo. Lá começa a discussão entre os dois, o agente muitas vezes depois de meter as botas em alguns colegas do patrão, é que sai vitorioso.

O freguês esfrega os cabelos, anda de um lado para outro, com as mãos ocultas nas algibeiras das calças, e afinal fica resolvida a questão. O *cometa* toma o lugar do guarda-livros e, pegando da pena, começa a fazer a receita que é o melhor da festa.

Os caixeiros, que previam o caso, franzem as sobrancelhas, dão uns suspiros prolongados e lembram-se que dentro em breve têm que entrar na grande amolação de arrumar e desencaixotar.

O *cometa* comercial para ser feliz e encontrar boas receitas necessita ter a cauda de sua inteligência bastante luminosa. Que fulgure e inunde de luz o espaço que o rodeia.

Em geral, todo o *cometa* que vê os negócios correrem bem trata de esfolar também um pouco os patrões; atira-se aos regabofes e entorna o copo, brindando repetidas vezes àqueles em plena ausência.

Todavia, se bem que fruam uma vida alegre e prazenteira, torna-se igualmente espinhosa e comprometedora.

É inimigo dos maus caminhos, das erradas, dos camaradas medrosos ou beócios e amigo das aventuras, da galhofa e amante do belo sexo.

Nas cidades e vilas centrais, o *cometa* representa sem querer o papel de figurino. É pelo seu traje que os rapazes da terra se guiam.

Se houvesse mulheres *cometas*, as coisas talvez mudassem e as *senhoritas* provincianas teriam mais chiquê e elegância.

Finalmente, os *cometas* longe da pátria, da família e dos amigos, só trazem a esperança que os acalenta e anima a prosseguir na senda começada.

E quando um *cometa* deixa uma cidade, uma vila ou uma povoação quantas e quantas saudades lhe vão na alma, lembrando-se que deixa aí, o objeto simpático de seus pensamentos. Ah recordações, esperanças e sonhos que se vão perder talvez no decorrer das horas, dos dias, e dos anos.

O *cometa* deve ser inconstante, mas inconstante por força de vontade e precisão.

Em Minas, um *cometa* que não conseguira saldar contas com certo freguês, fê-lo afinal carregando-lhe com a mulher.

E sejamos francos, o velho vendo-se livre das saias e do credor, talvez viva hoje mais tranquilamente.

Quem sabe se tudo sucedeu de comum acordo?

Opto pela afirmativa.

Os intrigantes

Todas as vezes que temos de tocar nestes males, companheiros de espíritos vis e rasteiros, sentimos vontade em depor a pena, mas a boa filosofia e o estudo impelem-nos a isso, do que só há a resultar bem.

É assim que afirmamos com segurança axiomática, como princípio indiscutível que a intriga só encontra abrigo entre essas almas vasentas, semeadas nos lamaçais e nas pocilgas, como parasitas esparsas sobre rochedos escarpados e inacessíveis.

A intriga é a arma do miserável, do covarde, do vagabundo, do pobre de espírito e só consegue fazer carreira de braço dado com os sectários do vil e do ignóbil.

Nasce nos corações apodrecidos e enlameados, não vive, vegeta, é um apodioxe do desprezível, ceva-se na vasa da viela e fortalece-se no esgoto das paixões. A inveja é sua mãe, a verdade a sua sombra.

Circula nas almas bolorentas.

O intrigante é sempre perigoso. Tomai bem sentido com ele. Se hoje chega-se para vós, no mesto intuito de tentar caluniar o parente ou o vizinho, amanhã esse refinado safardana não trepidará em caluniar-vos da mesma forma, pelo mais frívolo motivo.

A ociosidade o conduz ao mal, a necessidade torna-o um testa de ferro e jamais receará encontrar-se peito a peito no seu posto, sabeis por quê?

... Porque através da sua vida egoísta, traz um dístico endiabrado, oculto pelo sigilo; traz uma máscara que só pode desaparecer com o fogo.

O intrigante é um cão sem dono, uma folhinha do ano passado, um morfético que inspira dó e horror simultaneamente, é um jesuíta falcatruero, um gato leproso, um cão danado.

“O diabo não é tão feio como o pintam” diz o ditado, pois o intrigante é o diabo em pessoa.

Se hoje vos diz uma coisa nunca isenta de fraudulências, amanhã, a dois passos de vós, assalariado muitas vezes, será capaz traiçoeiramente de insultar a vossos filhos, netos e a toda a geração passada e futura.

É a sua profissão, e o tempo sobeja-lhe.

E o intrigante infelizmente encontra-se em todas as classes, porque não é a classe que eleva o caráter cada qual trouxe a sua sina e uma índole pode a custo ser desviada, mas nunca cortada.

Homens de pensar refletido e bons cidadãos, se quereis que a verdadeira alegria reine em vossos lares e penates, correi com esses monstros, com esses corsários, empregai o aviltante chicote, massacrai essas serpentes cuja peçonha não só envenena como corrompe e destrói toda a felicidade que ali possa existir.

A intriga não é tão somente um mal, é mais do que uma moléstia contagiosa e perigosíssima.

O intrigante é ainda um tipo cujos conhecimentos são sempre tão limitados, tão mesquinha a sua palavra, tão minguante o seu espírito, tão falto de brio o seu caráter, que para não ficar de boca fechada e não representar o estulto papel de uma figura de cera em qualquer reunião, compraz-se em falar da vida alheia, em depreciar aquele que inveja, teme e vive honestamente.

As más línguas possuem um pus morfético a inocular-se num organismo são.

Não estamos mais numa época onde possa predominar o misticismo, nem a embustice jesuíta. Não estamos no tempo em que Molière conseguia divertir com um *Tartufo*.

Estamos adiantados.

Sem depreciar a originalidade e assunto de todos os tempos.

Mesmo assim nessa era morria a velha sociedade e seus usos e costumes desapareceram, como tudo que é sol de pouca dura.

É que a corrupção minara-lhe os ossos até a medula.

Quereis a paz, expulsai a intriga, quereis a regeneração, escorraçai o intrigante.

Conto a vapor

Já o viram?

Com toda a certeza. É um herói do vulgo, labrego como um vilão, sujo quase sempre no trajo, mas limpo na alma, com uns ademanos estapafúrdios, capazes de convencer o mais obstinado incrédulo, de que naquele todo espaduado se aninha, além da pura brutalidade, alguma coisa de honesto.

Pobre Zé que nunca foi das codeas, apalermado às vezes, mas que em vendo metal sonante se torna mais fino e lesto que um morginho.

A carroça ficara à porta empestando o ar com o seu conteúdo. Não havia perigo de acidentes ou desvios porque o animalejo obedecia firme sempre ao companheiro. Ambos se entendiam.

– Quem é lá? perguntou uma voz de dentro.

– Ora... sou eu o *home* do lixo.

Abriram-lhe e entrou. Com ele nada de cerimônias.

As meninas da casa do comendador até gostavam dele. Se estavam à fresca diziam sempre umas às outras:

– Ora... é o Zé.

Ninguém gozava naquela casa de mais liberdade e ninguém menos dela abusava que o nosso herói.

Mas um dia entornou-se o caldo, como diz o outro. Desaparecera de cima de uma mesa um anel que uma sobrinha do comendador ali deixara pouco antes.

– Quem foi, quem não foi?

– Ora essa! Quem havia de ser?

– O Zé.

– Protesto, disse a mais nova das filhas da casa. O Zé é um homem de bem. É sujo de natureza, mas não se suja por causa de um anel de pechisbeque, que aquele pelintra do teu namorado de trampa te deu...

E houve rolo entre as priminhas.

No dia seguinte pela manhã, o comendador dirigiu-se ao Zé e perguntou-lhe mansamente.

– Não levaria você ontem daqui, por engano, um anel de uma das meninas?

A pergunta feriu como uma seta o honrado bruto, tornando-o rancoroso.

– Eu... sei lá de anel algum!

Não tenho desses costumes.

Esta resposta exasperou o dono da casa, que voltou imediatamente e apontado-lhe a porta:

– Você, seu Zé, além de ter cara de ladrão, tem cara de burro. Ponha-se já no olho da...

Estas palavras, enérgicas e inconvenientemente proferidas por um homem sensato, fizeram o Zé sofrer terrível reação e então humildemente respondeu:

– Eu vou-me embora, mas o *seu* Comendador não me chame mais de burro nem de ladrão, porque eu tenho a minha cara, o ladrão tem a dele e o burro tem a sua. Cada qual com a sua cara.

Manias

Não há pessoa alguma pouco atarefada que deixe de ter a sua mania, e o caso é que as manias acompanham sempre o indivíduo persistente e, todavia, capaz de se salientar seja porque modo for.

O maníaco pode ser um poeta mal constituído pela natureza, deixando entrever algumas qualidades apreciáveis, mas incapaz de prender a atenção dos espíritos como tal bem organizados; poderá ser um bacharel, senhor de muito estudo, mas que não é tido como bom mestre em direito ou ciências naturais. Isso mesmo sucede com todas as profissões, em que se desenvolve o espírito humano, porque pelo estudo consegue-se a habilitação, mas nem sempre a obra.

Estas considerações foram-nos sugeridas pela presença de um indivíduo, possuidor da mania de discursar.

A ele nada lhe inspira mais inveja que um bom orador.

Que coisa difícil é saber falar em público! Verdade é que mais fácil será estar calado quando todos falam.

Viver em um país de oradores e não saber falar é horrível.

Principiou por ensaiar algumas vezes em casa entre a família e não conseguia mais que provocar o riso dos parentes.

No restaurante mordia os dedos de raiva, quando ouvia o criado de avental à cinta, falar sobre os acontecimentos do dia, ou sobre o fechamento das portas.

Que facilidade achava no seu barbeiro!

Que eloquência a do sapateiro, seu vizinho?

E dizia consigo.

– Acaso estudou aquele maldito alguma coisa?

– Porém cavalheiro então não fala? Perguntaram-lhe com estranheza muitas vezes em banquetes e manifestações.

– Sim, senhores, responde sempre, falo, mas o meu pensamento era justamente o daquele sujeito que acaba de falar.

Quando uma saída airosa tornava-se necessária, respondia:

– Pois bem, eu falo, mas... mal.

E um homem assim não pode ir a parte alguma.

A que reunião pode assistir um mancebo que nada diz, quer em prosa quer em verso?

Hoje que a monomania se há desenvolvido, vive postergado todo aquele que não é orador.

Como penetrar em um recinto literário, em um clube, em um círculo, um homem que não sabe falar?

Finalmente compreendeu que o melhor era frequentar a boa roda, entrar na vida do bom tom, fazer-se elegante, frequentar os salões, os teatros, toda a parte onde pudesse desenvolver-se numa convivência instrutiva e proveitosa.

Entrou como sócio para uma sociedade literária e principiou a ensaiar o gesto, os modos, a expressão, de forma a tornar-se no futuro, pelo menos, um hábil orador.

Uma tarde, depois de muito refletir, foi assistir à inauguração do restaurante Gomes na Rua do Crespo e como a lista fosse escrita em francês, pensou que o melhor era não fazer figura feia, pedindo fosse como fosse, ou o quer que fosse, para comer.

– Ora... disse consigo, a primeira linha há de ser uma sopa, a segunda um ensopado, a terceira um assado e a quarta... sobremesa. Não me dá cuidado com o mais. Aponto em lugar de falar e salvo a situação.

Dito e feito.

Veio o criado e ele apontou a primeira linha.

Era uma canja.

Repetiu o gesto apontando a segunda linha.

O criado trouxe-lhe uma sopa de massa.

– Não está mau, disse consigo. À francesa come-se duas sopas.

E tomou-a furiosamente silencioso.

Depois de terminar tornou a chamar o criado e apontou a terceira linha.

Este foi-se rindo e trouxe-lhe uma sopa de legumes, que ele comeu constrangida e dissimuladamente.

Afinal principiou a pensar que com três sopas já estava jantado, a maldizer da arte culinária francesa e receoso de apontar a quarta linha.

Lembrou-se então de apontar ao criado a última, na esperança de que fosse a sobremesa.

O criado fez-se rubro e voltou trazendo o paliteiro.

– *Trés bien!* disse então ao servir-se de um palito. Fico sabendo que à francesa come-se tantas sopas, quantas minha mulher fornece por semana.

Ao menos desta vez fizera uso da palavra vantajosamente a ponto do dono do estabelecimento ordenar, que de então em diante a lista fosse escrita em língua pátria.

Zoélio Derbino

Através da vida alegre Z. Derbino era um excelente rapaz, de estatura regular, olhos vivos, e mostrando uns dezoito anos de idade quando muito.

Todos o conheciam na grande roda e uns o estimavam, outros o invejavam, sem que ele desse por tal. Seu gênio meigo e agradável era-lhe útil até nas mais críticas ocasiões.

Derbino, porém, tinha algum juízo e não poucas vezes refletia sobre a vida extravagante que fruía. Os prazeres e alegrias mundanas podiam-lhe acarretar grandes transtornos.

Nascera cercado do luxo e riquezas e então via-se quase nos braços da miséria.

A mesada paterna de pouco ou nada lhe valia. A gratificação que recebia como repórter e colaborador de uma folha diária sumia-se em miudezas.

Necessário era portanto empregar-se seriamente, abandonando por uma vez esses prazeres que o definhavam lentamente.

Porém Derbino, conquanto durante o dia fosse laborioso, continuava a passar as noites na orgia, em companhia de uma italiana de cabelos louros e olhos azuis, conhecida por Fanica.

Quem os quisesse ver, não tinha mais do que comprar uma entrada nos teatros da Rua do Espírito Santo ou ir à meia noite ao *Stad de Coblenz* do Rocio.

Mas afinal Zoelio aborreceu-se seriamente desta vida airosa, dos prazeres, das mulheres e da glória, e resolveu ir ao menos por algum tempo aspirar um ar mais puro, partindo para o povoado da [ilegível] no município neutro.

Lá chegando, hospedou-se em casa de um padre seu amigo e a quem fora recomendado.

Longe dos rumores da grande cidade, ele buscava ali sossego por algum tempo.

Alguma coisa lhe faltava para o seu completo bem-estar. Se ali perto de si estivesse a formosa Fanica, então sim, estaria num paraíso. Isso porém era um sonho e havia melhores probabilidades.

Fazenda nova!

Desde a primeira noite em que ali chegara, vira uma rapariga linda como os amores, que costumava todas as tardes ir de passeio até a casa do vigário a visitar uma filha daquele.

Nhóla, tal era seu nome caseiro, parecia ter dezesseis primaveras, tinha a fisionomia delicada, corpo rechonchudo e airoso de roceira, cabelos castanhos e olhos de inexprimível doçura, lindos como safiras.

Derbino julgava amá-la.

No quarto dia depois de sua chegada, conseguiu entregar-lhe uma declaração de amor.

Ela provavelmente já a esperava, porque não tardou em responder. Esta resposta, Derbino jurou guardá-la para sempre, como relíquia de amor.

Se bem que gostasse da pequena, conhecia perfeitamente que a não amava. Necessitava, porém, de distrair-se, era tudo.

Passar o tempo.

O acaso protegia-o e a pequena acreditava nas suas promessas de amor.

Derbino só sonhava no momento de poder-se ver a sós com ela.

Mas isso era difícil e limitava-se à preparação do terreno.

Afinal fez-lhe chegar às mãos uma carta pedindo uma entrevista, que se deveria realizar perto do cemitério da freguesia e a horas mortas da noite. O local era excelente, porém, a pequena não veio e ele voltou ao seu aposento bastante tarde e mergulhado em profunda tristeza.

No dia imediato recebeu de Nhóla algumas linhas, nas quais se desculpava não ter podido comparecer, porém, marcando ela mesma hora e lugar para o dia seguinte.

Derbino saltou de contente. Nessa noite não poder conciliar o sono senão já bem tarde.

Quando se levantou o sol entrava a furto pelas janelas do quarto. Eram sete e meia horas da manhã. Às oito teria de achar-se no local designado.

Imediatamente colocou com disfarce na janela um lençol, como sinal de que para lá partia.

Momentos depois se achava oculto numa moita quando sentiu algum ruído atrás de si.

Era ela que vinha fiel à sua promessa e ele deixou o olhar fundir-se em delicadíssima expressão de amor e bondade.

Num instante acharam-se juntos. Quanta felicidade! Ela debruçara-se para ele ofegante, com os lábios entreabertos, como se deles estivesse prestes a partir algum sigilo de amor.

Derbino cingindo-se em apertado amplexo, imprimia-lhe um ósculo nos cabelos. Em seguida os lábios se casaram ao forte bater dos corações que despertara o silêncio daquelas paragens. Era o requinte dos gozos supremos que sentia o mancebo.

.....
.....

Por momentos estiveram entregues aos doces sigilos do amor.

Quando Derbino entrava novamente no seu aposento, levava consigo a palma da vitória.

Escreveu então na sua carteira a data desse dia – 28 de janeiro de 1883.

Dias depois se sentiu inquieto. Soubera que alguém da família da jovem desconfiara da história.

Passaram-se ainda mais outros, e uma vez já tarde, voltando Derbino à Freguesia, após um passeio que fizera, distinguiu à baça luz do crepúsculo um vulto oculto pela espessura dos bambus, na beira do caminho.

Sem refletir, meteu esporas no cavalo atravessando a galope esse espaço. Ouviu-se ao mesmo tempo um estampido.

Estava salvo.

Quando chegou a casa, recolheu-se ao seu quarto e preparou as malas.

Parecia farto da roça.

Ia voltar ao Rio de Janeiro no dia imediato.

Assim o fez e às duas horas da tarde saltava na estação do Parque de Santana.

Nessa noite foi à Rua da Carioca em procura da bela Fanica que já aí não morava. Em seguida, ciente da nova residência, para lá se dirigiu. Era no Lavradio.

Derbino, entrando pela casa dentro, foi encontrá-la na sala de jantar. Imediatamente a abraçou sem cessar de admirá-la.

Ela, porém, parecia cada vez mais surpresa.

Ao terminar de contar-lhe parte desta história que ela ignorava, ouviu-a dizer:

– Faz dois meses e tanto que nos não vemos, dize-me com franqueza, não me achas mais velha e feia, faço hoje vinte e dois anos?!

– Pelo contrário, voltou Derbino. Estás mais linda que nunca, querida Fanica. Perto de ti é que me sinto ardente de alegria e de glória, porque tu conheces a fundo a tua arte. Essa arte é a do amor que me inebria, da galhofa que nos diverte e do mundo elegante onde vivi e hei de viver sempre.

E Derbino, numa exaltação alegre, cingiu em lascivo amplexo o gentil corpo da bela italiana.

.....

Nessa noite Fanica ia festejar as suas vinte e duas primaveras. Os convidados e os amigos chegavam, o champanhe não tardou a espumar, e os brindes e saúdes erguiam-se no meio de uma alegria infernal. Um punhado de belas mulheres saudava a volta de Derbino à vida alegre fluminense.

História de um esqueleto

Distante três boas léguas de Lorena, Estado de S. Paulo, num sítio hoje deserto e não afastado da estrada de Cunha, havia há pouco tempo uma dessas pobres e humildes casinhas cobertas de palha, a que o vulgo chama de ranchos.

Fugindo de uma trovoadas iminente aproximei-me do tal rancho e gritei:

– Ó de casa.

Pouco depois, um velho de sessenta janeiros para cima apareceu e convidou-me a apear e entrar. Compreendia perfeitamente que eu fugia da tempestade que se não tardava a desencadear.

O aspecto de sua fisionomia, os cabelos esparsos circulando-lhe o rosto oval e a idade adiantada, denotavam um viver triste e solitário.

Para ele aqueles sertões eram um paraíso.

Interrogando-o acerca de sua vida, respondeu-me ocupar-se em velar por um defunto dia e noite.

O caso pareceu-me um tanto estranho e adiantando-me mais nas minhas perguntas, exclamou apontando-me para os fundos do casebre.

– Abra aquele postigo, vizinho à parede e verá.

Aproximei-me curiosamente e ao abri-lo, senti ímpetos de repugnância.

Um esqueleto humano ali estava encerrado!

– Sente-se e eu contar-lhe-ei a história desse esqueleto, tornou o velho num tom descarregado.

Tomei logo lugar junto à lareira e ele principiou:

.....
– Há tempos era estabelecida nestas terras uma viúva fazendeira, que vivia em companhia de uma filha chamada Tuyola e mais de cem escravos.

Além desta filha, tinha *sinhá* Cota, um filho que estudava medicina no Rio de Janeiro.

Por ocasião das férias, esse moço que se chamava Vigúrio, veio em companhia de um colega e amigo, passá-las na fazenda.

Os ares puros dos campos, os prazeres da roça, as caçadas, os lundus e os sambas dos negros nas noites de luar, tudo os divertia, principalmente a Maurício, que era a primeira vez que saía da bela capital.

Assim passaram alegremente alguns dias até que Maurício principiou a dar mostras de tristeza, embora dissimulasse o mais possível a verdadeira causa que era fácil de adivinhar-se.

A formosura da irmã de seu amigo inspirara-lhe desde logo um amor sem igual a que ela parecia começar a corresponder.

Passaram-se mais alguns dias.

Os dois amavam-se.

Os bilhetes amorosos andavam sorrateiramente pulando das mãos dele às dela e dela para as dele.

Um dia um dos negros da fazenda veio dizer a Vigúrio que uma onça canguçu aparecera e fora por ele vista nas bordas da mata.

Vigúrio resolveu matá-la e marcou a caçada para o dia seguinte, convidando o colega que de bom grado aceitou. Maurício pensou que lhe convinha a festa.

Há muito que projetava uma entrevista com Tuyola. A ocasião era oportuna e portanto aproveitava-a. Antes, porém, de partirem conseguiu fazer chegar às mãos dela, estas linhas:

"T... É hoje felizmente o dia em que nos podemos ver a sós. Espera-me perto daquela peroba que se avista da janela, do engenho nos lados do curral grande.

Se me amas como dizes, não faltes, sim?... Teu M."

Os dois sumiram-se pela espessura dos arvoredos, com a escolhida matilha que os precedia.

Alguns dos cachorros, pouco depois principiaram a ladrar, como dando com o rasto da fera.

Vigúrio, adiantando-se, aproximou-se de uma gruta. De repente a onça que de fato ali estava salta sobre si e ato contínuo estende-o por terra.

Maurício vendo a alguns passos de distância, o perigo que corria o seu amigo, apontou a arma, disparando-a em seguida, mas tão infeliz que a bala transpassando o peito do jovem, matou-o instantaneamente. A onça, abandonando então a presa, sumiu-se na densa floresta.

Maurício desvairado seguiu a fera, mas quando julgava ter perdido o rasto, sentiu um ruído a pequena distância e num sítio bastante espesso.

Ainda desconfiado do bicho, atirou novamente. Um grito agudo repercutiu ao longe.

O coração bateu-lhe fortemente. Aquele grito!...

De repente, chegando lá sem saber onde estava descobriu o corpo de uma mulher banhada em sangue.

Pela segunda vez a fatalidade caminhava a seu lado. Errara duas vezes a pontaria na fera. Esse cadáver que tinha a seus pés era o de Tuyola. Em satisfação ao seu pedido ali viera ter sem saber que a morte o esperava?

Maurício não pareceu refletir. O acaso era o único culpado.

Abriu-lhe ali, junto da peroba uma sepultura; depois desapareceu e ninguém teve notícias suas.

.....

Só passados quinze anos voltou aqui, mas a viúva há muito falecera e a fazenda abandonada como vê. Estes arredores que hoje estão cobertos de capoeira foram outrora cultivados e tinham melhor vista que hoje.

Eu vivia como sempre neste rancho e chegando-se a mim, contou-me a sua história que é também a desse esqueleto. O coitado suicidou-se, deixando-me como herança a quantia de seiscentos e oitenta mil réis, tudo que possuía.

Faz hoje um ano que desenterrei seus restos mortais e ali os conservarei como relíquia, até a morte...

Elino

A noite estava a meio e a escuridão era compacta. Quem nela se aventurasse escaparia talvez de esmigalhar o nariz no seio das trevas

Na fazenda de um tal capitão Raposo, reinava o maior silêncio, quebrado apenas de instante a instante pelo sibilar da ventania, através das folhas secas das árvores.

Quem ali fosse admirado ficaria em ver que essa fazenda era uma das mais importantes do município.

Admirar, porque o capitão Raposo não passava de um homem bruto e ignorante, na última extensão da palavra.

Inimigo do progresso e do desenvolvimento social, deixava-se arrastar por ideias vãs e desprezíveis.

Gostava do jogo e só para dar expansão a seu espírito e a seu livre arbítrio ia algumas vezes à povoação próxima, o Piraí, que nessa época ainda não tinha podido alcançar a categoria de cidade.

Aliás vivia afastado de todos e de tudo. O seu maior desejo era mudar-se dali para S. João do Príncipe, vender a fazenda ou deixar nela apenas um administrador. Tinha um vizinho de quem se dizia inimigo mortal. Era um dos Breves, mais rico e mais poderoso.

Escravocrata de força e vontade, o nosso Raposo tornava-se por sua vez o terror dos pobres negros. Era um ortodoxo, segundo a sua maneira de pensar e na política defendia o seu partido, guerreando todos os outros sem ao menos basear-se em quaisquer princípios.

Ignorava até mesmo o que julgava conhecer. A inteligência por falta de cultivo não lhe permitia ir adiante.

.....

Um dia em vida de seu pai e quando era apenas o sinhô moço na fazenda, principiara a ter relações com uma crioula da mesma. Desses estultos amores, resultou ver a luz do dia uma formosa pardinha, que mais tarde recebeu o nome de Sinhara.

Entretanto, Raposo era casado, tinha dois filhos e roubava à sua digna esposa o amor que às ocultas ia oferecer a uma humilde escrava.

Por aí se pode avaliar dos seus instintos bestiais.

Quando Sinhara nasceu, já um dos meninos do casal, o mais velho, tinha completado cinco anos.

Elino, tal era seu nome, ia crescendo no meio de uma ignorância completa, sem que seu pai se lembrasse de cuidar da sua educação.

.....

Passaram-se anos. Elino era então o *tutu* daquela casa. O pai admirava-o por ver nele um perfeito eleitor e nada mais.

Raposo, sentindo-se cansado da vida, retirou-se para o Piauí como resolvera afinal, entregando a seu filho a direção da fazenda.

Sinhara que contava então quinze primaveras e embora ninguém ali conhecesse o autor de seus dias, era tratada como escrava e fazia apenas o serviço doméstico.

Uma dessas mulatinhas simpáticas que nos arrebatam e fazem sonhar maravilhas. Sua mãe fora admitida como cozinheira e portanto estava quase sempre a seu lado.

O capitão Raposo proibira-a de declarar a seus filhos ou a qualquer pessoa ser ele o pai de Sinhara.

Elino, que completara então vinte anos, sentia um desejo abrasar-lhe suavemente a imaginação.

Lembrava-se de que passava uma vida de cão e entretanto tinha ali perto de si o seu ideal.

O amor de Sinhara podia-lhe ser um útil passatempo, durante meses ou mesmo durante anos.

Mas como conseguir isso. A mãe não a perdia de vista e ela lá tinha suas razões... Talvez temesse já uma desgraça inevitável.

Elino, percebendo isso, cogitava em descobrir um meio de afastá-la da filha. Mas como? Uma ideia, porém, sentiu acudir-lhe ao cérebro.

Era necessário procurar um momento, enfadar-se com ela, castigá-la, metendo-a no tronco a fim de ficar só com a filha em casa.

Esta lembrança não era de todo má.

Passaram-se alguns dias sem que pudesse ter ainda posto em andamento a sua ideia.

Um dia, porém, era chegado.

Vejamos o estratagema urdido por Elino.

No armário da sala de jantar havia entre outra louça algumas xícaras e um bule de porcelana, que ele mesmo quebrou, escondendo também uma porção de chá da Índia que estava dentro de uma lata.

Durante todo esse dia procurando avizinhar-se repetidas vezes da cozinha, Elino mostrava-se incomodado e aborrecido.

Às oito horas da noite, depois que a linda Sinhara se havia recolhido ao aposento destinado como de costume a si e a sua mãe, Elino chamando por esta ordenou que preparasse um pouco de chá da Índia.

A negra tratou imediatamente de obedecer. Porém qual não foi a sua admiração, ao encontrar no armário a louça quebrada e a ausência do chá?!

Depois de bem convencida do que vira foi ter como seu *senhor moço* e contou-lhe o ocorrido, ao que este se enfureceu a ponto de culpá-la de tudo e para castigo, segurando-a pelos braços, levou-a até a casa do tronco.

Aí dois negros, seus companheiros de cativeiro, a prenderam pelos pés e mãos.

Uma vez isto feito, Elinó voltou à mesma sala, resolvido a vencer o segundo combate.

Era forçoso seduzir Sinhara, custasse o que custasse. Demais a infeliz sendo escrava, que melhor sorte podia esperar?!

Elinó recostado febrilmente sobre o sofá esperava a hora do silêncio. Os minutos contava-os por horas.

Pouco depois, segurando uma luz, pé ante pé, aproximou-se do quarto de Sinhara. As pernas tremiam-lhe e sentiu um suor frio passar-lhe pela fronte. Aquele silêncio impacientava-o. pela vez primeira na vida julgava sentir-se apoderado do medo.

Mas porque tudo isso?

Não estava por ventura na sua propriedade?

Que poderia temer?

Sem vacilar, tomou coragem e aproximou-se lentamente da porta que estava cerrada. Sinhara dormia sem dúvida.

Em seguida, penetrando no aposento, pronunciou com voz firme o nome daquela que ignorava ser sua irmã.

Um raio de luz descobriu-lhe o rosto por entre a coberta de chita. Dormia de fato, e quem diria que talvez deitando-se naquele leito virgem, ia levantar-se perdida e desonrada.

Elino, aproximando-se, pregou-lhe dois beijos nos lábios. Ela despertou amedrontada e como procurando fugir do sedutor.

A pobre menina chegou por um momento, não vendo sua mãe, a julgar-se traída por ela. Mas qual, bem pensava ser impossível.

Elino caiu-lhe aos pés, prometeu-lhe tudo em troca do seu amor, mas ela não cedia por nada.

Então pareceu enfurecer-se, vencê-la à força, brutalmente, mas no momento em que a agarrava em forte convulsão, dois pulsos de ferro caíram sobre si, prendendo-lhe os movimentos!

.....

O capitão Raposo, que há muito não ia à fazenda, resolvera fazê-lo na tarde desse dia, para visitar o filho e saber o que haveria de novo.

Porém, uma trovada traiçoeira encontrando-o no caminho e que o fez demorar, só por volta das dez horas da noite chegou.

Era justamente a hora em que Elino se aproximava do aposento de Sinhara.

O capitão, ao passar perto da casa do tronco, notou que partiam dali uns ais e gemidos prolongados.

Convencido de que não se enganava, apeou-se e penetrando na mesma, riscou um fósforo e um raio de luz foi bater em cheio no corpo da infeliz escrava.

Esta sentiu ou pareceu sentir um alívio, ao encarar com seu senhor.

Raposo, bastante espantado, desatou-lhe as prisões e ela imediatamente contou tudo.

Sem perda de tempo, atravessando a pé o espaço compreendido entre aquela e a casa de sua morada, conseguiu num pulo chegar ao aposento de Sinhara.

E eis porque Elino, no momento em que dois pulsos vigorosos o prostraram, sentiu também a voz de seu pai bradar-lhe:

– Miserável! É tua irmã!

SEGUNDA PARTE
– FLORES DE MAIO –

A Pinheiro Chagas

SONETO

Eu disse que eras um anjo, podes crê-lo,
No tempo em que as horas consumia,
Nadando em pleno mar da fantasia,
Mas que tempo tolo, estulto anelo.

Eu disse que era de ouro o teu cabelo,
Que por ti doravante só vivia,
Que a teu lado mil horas passaria,
Até caí-te aos pés como um camelo!

E tu creste oh minha *doce amada*
Nas juras que te fiz em doce instante,
Quando tudo era apenas caçada?!

Perdoa, pois bem sabes estou distante
Não penses numa esperança malograda
Que não és tu mais a minha amante.

A Santinha Bittencourt

Santinha queres que eu cante
Quando chora o coração?
Queres que entre prantos
Seja bem triste a canção?

Se aquela a quem amava
A morena que adorava
Baixou ao frio chão!

Essa gentil e formosa
Virgem que tanto amei
A quem ternas canções
Muitas vezes entoei.

Foi-se para longe de mim
Sumiu-se o querubim
Morreu. Por quê?... não sei

Se hoje vago incerto
Acerbo e delirante;
Se não encontro alguém
Que meus males cante.

É que o mundo esse ingrato
Louco estulto gaiato

Ri do humilde errante.

Mas que disse, Santinha?
Se tudo minha alma sofreu,
Esqueci, esquece te peço,
Que quem ri dele sou eu!

Quem vive tem esperança
Tudo na vida se alcança
Infeliz só quem morreu.

Se o rude mesto agonizante
Pobre triste moribundo,
Saudoso então não espera
Deixar assim este mundo.

E que ele docemente
Se lembra inda valente
Do tempo ido, jucundo.

Vivamos, pois oh! vivamos
Que se vão os desenganos,
E à saúde de teus anos
Juntos ambos bebamos.

Bragança, Pará, 26/4/87.

A Arthur de Azevedo

DUAS VÍTIMAS

Eu ia caminhando ao longo do caminho
Mudo, cabisbaixo, e meio contristado,
Quando de repente, triste probrezinho,
Como um fantasma surge do outro lado

Era um preto, um preto já velhinho
Débil, taciturno, marchando compassado.
Quem és? perguntei-lhe, quem és oh coitadinho?
E ele respondeu-me – Um pobre desgraçado.

Como, acaso a sorte de ti também zombou?
– Sim, voltou-me, sempre pronto a responder
No desastre do “Bahia” perdi o meu *sinhô*.

– E que te dá isso assim tanto que fazer?
Logo entre soluços, o preto a mim tornou,
– Pudera se já querem, tornar a me vender.

Pará, 1887.

A Paula Ney

Se a pálida poluta que canta à luz da lua
Doces canções que o coração de moça inspira
Viesse despertar-me a sós por um momento,
Eu sentiria despertar também um pensamento
E vós vireis ouvi-lo nos sons de minha lira.

E que querem, amigos, se longe da família
De estulta é minha musa, minha alma está perdida
E o porvir que buscou nos torrões americanos,
Só encerra as lutas ocultas nos arcanos
De uma vida errante e de crenças já sumida.

Oh recordações, lembranças do passado
Que valor tereis para um pobre descrente,
Que oculta nas trevas aquilo que sente?

Pensem bem e verão que cão é este mundo
Que até nos rouba o prazer o mais jocundo.

Uberaba, 1884.

A Virgílio Vidigal

Eu não gosto de ver o santo jesuitismo
Trancar o mundo no obscurantismo;
Não posso tolerar que gente estulta
Em busca de títulos e nomeadas
Seja amiga das testas coroadas.

Quero o realismo, estudo o Conte,
De livros asnáticos faço um monte
Cuja leitura a ciência insulta,
Calco-os no olvido, no esquecimento
E quem o não faz, eu o lamento.

Se a sorte do poeta sempre é triste,
É porque dentro de tal peito só existe
Um coração que em mágoas transparece,
Que fique com nossos avós o idealismo
E herde de nós, nossa prole, o realismo.

Eu bem creio que só Romeu ganhasse a palma
De amores que depois interpretou o Thalma
Por entre os sigilos que um poeta não esquece
Mas estas revoluções, multiplicam ais
E somem-se as lições de nossos pais.

Eu gosto dos gênios que se ostentam,

Dos heróis que a Gutenberg ornamentam
Sobre os firmes músculos da ciência.
Gosto de ver um poeta surgir do acaso
E entregar-se às delícias do Parnaso.

Sigamos, pois, os passos de Meluco,
Embora venha o sinônimo de maluco
Perturbar quem cultivava a inteligência,
E aceite, pois, meu poeta *Vidigal*
As linhas que lhe oferece – Oscar Leal.

Espírito Santo, 1885.

Ao Dr. Alfredo Fleury

Declinava a tarde, o sol se escondera
Imersa em silêncio, jazia a povoação
E eu contigo em doce comoção
 As horas passava
 Quando lembrava
O canto, as mágoas, que em teu riso lera.

Ao longe um penedo, além outro penedo
Do Cachoeiro corriam brandamente,
As águas marulhando docemente
 E um sonho vaporoso,
 Um eco harmonioso
Se some na espessura do arvoredor.

Fui-te franco em meu terno falar
E tu como louco vais neste instante,
De olhar insaciável e riso anelante,
Meus conselhos para sempre prostrar.

Junto a ti o piano, as mãos no teclado
 Do peito magoado,
Em languidos arpejos, sustentidos, bemóis,
 Soltas a voz,
E em *conversa* recordas quem te inspira
 Para em minha lira
Mais uma vez ser ainda inspirado

São bem belos os prazeres da juventude
Mas de seus olhos de místicos eflúvios,
Eu vejo tuas lágrimas formarem dilúvios
E do sublime pacto
Ao languido contato
Fogem-me as notas do meu alaúde.

Ao Marquês de Paranaguá

SOMBRA E LUZ

Que região tão rica e vasta aqui se estende
Que mundo amplo agreste além se esconde!

Terras, rios, águas da minha pátria amada
Abri-me vossos braços. Sim dai entrada
Ao humilde forasteiro.

Quero conhecer e estudar-vos muito bem
Oh pátria mãe.

Quero ver os prodígios da natura
Ter embora meus dias de amargura,
Mas penetrar através de teus arcanos,
Ver-te embalada pelas cores do arrebol;
No tempo que corre e foge com os anos,
Hei de ver-te clara e brilhante como o sol.
Não julgueis em mim, audaz aventureiro
Que se arrasta e vaga em busca de ouro
Até alcançar à força vil tesouro;
Mas sim o pobre e forte caminheiro
Que só quer um dia após a ausência
Chegar perto dos seus embora roto e pobre,
Deixando cá e lá farrapos no caminho,
Como quem tem pátria e não tem ninho,

E com a luz que o consola
Mostra-lhes na sacola
Um punhado de ciência.

Ouve-me tu ao menos oh deusa do deserto.

Assim é justo oh deusa que me atendas
E a homenagem
À tua imagem
Um dia renderei.

Os sigilos que encerras, mil coisas, mil prendas
Ao mundo inteiro pasmo um dia mostrarei.
Diz-me já o pensamento
Chegar o doce momento.
Um ruído! Como?... e onde?

– Aqui me tens, entrai. Uma voz responde.

Que vejo! Será verdade
És tua a Realidade?!
E a minha estrela quis
Encher-me de alegria
Abrir-me estas portas
Hoje! Enfim... um dia?!
Oh como eu sou feliz!

E eu ia já entrar
Quando ouvi bradar

Depois de solto um ai
– Cuidado senhor, que cai.

Despertei.

Então me vejo? O barqueiro assustado
Fitando-me cheio de enorme cuidado.
Nas margens as praias alvejadas
A natureza envolta em galas,
As águas mansas aniladas
E a canoa rápida a sulcá-las.

No mais só sombra, todo que vi – sonhei.

Vale do Amazonas, 1887.

A Guimarães Passos

A TERRA E A LUA

A Terra este colossal planeta
Que corre e flutua
Nas vastidões sublimes do espaço,
Um dia disse à lua:

Satélite vizinha que me fitas,
Diz-me sem receio
Se a vida, a glória e o amor
Habitam o teu seio?

Possuis como eu tanta riqueza,
Rios, minas e vulcões,
Campos, mares, serras, lagos,
E grandes povoações?

Encerras os vastos elementos,
Os fortes animais,
Conténs os belos monumentos,
As obras dos mortais?

Giras como giro em torno ao sol
Recebes dele a luz;
Já tiveste um Cristo redentor

Que morresse numa cruz?

Em tuas florestas também se ouve
Cantar o sabiá,
E rompe teus ares adejando
Formoso guará?

Que perguntas! Então não me conheces?
Responde enfim a lua?
Que ingrata que tu és, oh Terra, oh mãe
Eu sou a filha tua.

A Ernesto Senna

PASSATEMPO

Era meiga sempre a brisa das manhãs
Gorjeavam as aves mimosos cantos,
Pouco acima do horizonte o sol raiando
Dissipava vagamente negros mantos.

Era tudo quanto encerra a natureza
De suave, de belo e perfeição,
E tu oh gentil e meiga amante
Dando ao vate humilde inspiração.

Que doce ventura ver-te sempre
Tão repleta de encantos sedutores,
E em teu rosto gentil brincar contentes
Amores, graças mil e mil primores.

E creio-me feliz, se é ventura
De ti merecer tanta afeição,
Pois louco a teus mimos já votei-te
Além de meu amor – meu coração.

Cuiabá, 1881.

A Filinto de Almeida

MOCIDADE

Dizem-me os livros, os poetas, os sábios
Que há jovens descrentes,
Que sofrem, que amam e na alma só sentem
Martírios ardentes,
E por falta na vida de almo conforto
Nessas horas de sofrer
Alguns há que buscam então um lenitivo,
Preferem até morrer.
E lembrar-me que fui desse número
Quando era criança;
Mas que vergonha, que tolice e loucura.
Que mesta lembrança
Bem sei que no gozo se fundem pesares
Com espinhos demais,
É praxe geral não há bens sem azares
Nem alegrias sem ais.
O destino é lei do tempo bem sei.
Segui-la é dever
Por isso com crença prefiro essa lei
Não penso em morrer.
Morrer é deixar-nos fugir esses gozos
Que temos por cá
Viver é fruir esses dias formosos
Que a vida nos dá.

São Paulo, 1888.

A João Barbosa

NOITES DE ORGIA

Oh noites de Lisboa, noites de orgia!
Como és bela oh tu gentil amante
Quando ao tilintar dos cristais nesta folia
Ébria de prazer eu te vejo inebriante.

E quando tu dizes dá-me a taça
Quero alegre beber e fartar,
Antes que a morte a velha devassa
Me venha sem dó a vida tragar.

Acho-te razão. Só o vinho espumante
Nos pode esquecer a sepultura,
Fazendo-te minha querida amante
Mil horas contares de ventura.

O mundo é assim, assim a vida
Mas se um dia feliz por cá voltar,
Foi-se a vasa, perdeste a partida
Quero outra amante em teu lugar.

Lisboa, 1886.

A Cyriaco de Nóbrega

ELA

Eu te canto a ti oh bela
A mais bela dentre as flores,
És a rosa do vale de Amélia,
És o anjo dos meus amores.

És a rosa, mais formosa
Que se encontra no jardim,
Tua cor é mais mimosa
Mais bela que a do jasmim.

És a fada dos meus sonhos
Dos meus sonhos cor-de-rosa.
És tu rosa – minha amante
Minha amante, és tu oh rosa.

Recife, 1893.

A Alberto Pimentel

DEVANEIO

Quisera ser o sol que te ilumina,
O tapete que ainda hoje tu pisavas,
A rosa que brincando desfolhavas,
A luva que te esconde a mão tão fina.

Quisera ser a flor que trazes no teu peito,
As rendas, as néveas rendas do teu véu,
A fita que adorna o teu chapéu,
Os linhos, os brancos linhos do teu leito.

Quisera ser teu servo ou mesmo guia
E minha vida inteira consagrar-te,
Tua face cor-de-rosa só beijar-te
Teu amor conquistar dia a dia.

Lisboa, 1886.

A Manoel Arão

UM DESEJO

Eu tive um desejo e louco bem sei
De morrer uma noite, feliz, delirante
Em doces enleios, ao espumar do champanhe
Na pronta cicuta, nos braços da amante.

Mas hoje que os anos felizes me são,
Que passo os dias da vida folgada,
Esqueço essas horas que ainda virão
Furtar-me aos encantos da minha adorada.

Não sinto paixões, nem penso em amores
Só quero meu tempo alegre gozar,
A morte que venha, sou teu trovador,
Outra coisa não temo que possa chegar.

Lisboa, 1886.

A Tobias Rosa

RIXA

Não sei pequena se deva amar
Nos dias que a sofrer,
Tu me fazes passar.

Teu gênio é cruel, meu amor é leal,
Do tempo no correr
Só nele vejo um mal.

Diz-me que queres para me amar,
Estrela da minha vida
Espelho do meu penar.

Eu quero merecer tua afeição
Para te não ver perdida
No mundo da maldição.

Em viagem, 1885.

A três tipos

Conheci um certo alferes
"Beijo rachado" chamado,
Que até passar queria
Sendo tolo por engraçado.

Tinha cara de tratante
Queria ser desfrutador,
Vivia como um frade
E era conservador.

O Ma... doutor *em chuva*
Safardana e desordeiro,
Era nas grandes patifarias
Seu belo companheiro.

Outras vezes o Américo
Grande malcriadão,
Era o mestre de cerimônia
Na esquisita função.

Era pois um – idiota
E segundo um – devasso
E quanto ao terceiro
Foi sempre – palhaço!

Caravelas, 1885.

A Félix Jaime

PAIXÃO

E digam que é rude a vida do sertão
E digam que esta terra não tem vida,
Se eu aqui chegando após a lida
Dei em frente a outra ocupação.

Que zombem de mim. Se a paixão
Não tem pátria, lar, nem tem guarida,
Também nada a leva de vencida
Nascesse até no seio da podridão.

Não é fábula e nem mesmo lenda,
Mas aqui ninguém mete o dente,
E em dizê-lo talvez me arrependa.

Oh! sim, que o diga que o sente,
Mas não se exprima, não se expendá,
Que o fato pode embasbacar a gente.

Pirenópolis, 1890.

A Demóstenes de Olinda

EM TEMPO

Se um dia ao te veres no espelho
Notares que perdeste a formosura,
Toma desde já um bom conselho,
Porque isso é mal que não tem cura.

Consola-te com a sorte pobre amada
Não te deixes levar pela loucura,
Pois meter-me em nova diabrura
É tenção já feita e bem formada

Minha alma se arrebatada e se inebria
Quando encontra perfume e alegria
No meio arfar de um peito ardente

A prova a tens que na doce calma
Não posso perceber que esta alma
Te queira amar eternamente.

Recife, 1893.

A Guerra Junqueiro

ÚLTIMA DATA

Revendo as páginas de minha vida errante
Quanta amante tive eu meu Deus;
Morenas, loiras, encantadoras, belas,
E todas elas, corações só meus.

Corri, andei, e numa luta imensa
Sem uma crença e sem firmeza amei.
Amores tive, passatempo infindo,
Sempre rindo, quando quis gozei.

E quanta bela sobre o meu peito
Em fofo leito nas tremuras vi?!
Ui... caluda... Assim meu bem...
Ah que aí vem... eu já senti!...

E ao despertar em febris anseios
Oh que seios, massacrei em flor!
Tremendo sempre em fogo ardente
Eternamente a morrer de amor.

Hoje, porém, que chegou meu dia
Adeus sombria existência ingrata.
Amo-te muito, és tu *Ninita*
A parasita que se enrosca... e mata

Recife, 1893.

A Oscar Leal

– Quem melhor me compreende?
Senão eu?

Eu sou entre muitos vago, errante
Não há ninguém que meus males cante,
Por isso canto-os eu.
Tenho males é certo, mas hei dias
Dias de prazer, noites de orgias
No doce tempo meu.

Não sou triste e pobre descrente
Como há pouco me cria docemente
Em vis superstições.
Amo a loucura a vida buliçosa
Da quadra juvenil bela e mimosa
Do tempo das canções.

Vivo mais que nunca, entrei no grande mundo
No mundo folgado, jovial, jocundo
Como rapaz honrado,
Ou *touriste* lesto ou forasteiro,
Que passeia e corre o mundo inteiro
E os dias tem gozado.

Não gosto de frades, não sou safardana,
Desprezo os vis que têm a alma tirana

E ferem as leis.
Odeio a canalha, a baixa ralé,
Odeio os grandes que jazem de pé
Ao lado dos reis.

1890.

TERCEIRA PARTE
– EXCURSÕES –

Uma noite no quilombo

Há alguns anos passados, em uma tarde amena e agradável, galgava a Serra da Mantiqueira, nas divisas de Minas e S. Paulo, montado em pacata cavalgadura.

À proporção que subia um ar cada vez mais puro e oxigenado vinha-me fortificar os pulmões e de instante a instante, voltando-me com rapidez percorria com a vista as inúmeras paisagens que, repletas de variados matizes, se desenrolam aos olhos de qualquer viajante.

Os sons que partiam do seio da floresta tinham um cunho original e talvez harmonioso.

Absorto e vagamente sepulto em um mundo cor-de-rosa, nem sequer cuidava da direção que tomava o animal.

O abandono das rédeas e o pouco caso que fazia da vergasta ou das esporas dera lugar a que o paciente animal retrocedesse alguma coisa, tomando por uma vereda sinuosa e menos a pique.

Uma brisa refrigerante soprava de quando em quando, entre as copadas árvores e um dilúvio de folhas secas e de pétalas odoríferas vinha na queda roçar sobre os meus ombros ou entranhar-se entre as abas do chapéu. Dezenas de borboletas azuis e brancas, em contínuos ziguezagues rompiam o espaço.

Nos píncaros altos, dos quais parecia aproximar-se, formavam-se camadas de neblina e sobre elas o sol projetava os últimos raios, antes que as trevas os envolvessem com seu manto.

Assim corria veloz o tempo e subia, continuava a subir, até que o rumor produzido por pequena queda de água me chamou a atenção. Em formoso jato desprendia-se dentre alguns rochedos, correndo em borbotões.

A sede fez-me cobiçá-la e depois que o animal parou, como se adivinhasse a minha intenção, apeava-me, atirando-me a ela! Só em tais alturas se encontra água tão pura e cristalina.

Demorava-me ainda um momento a acender um cigarro, quando ao relancear em volta de tal sítio um olhar inquiridor, percebi ter errado o caminho. Todavia a direção pareceu-me não ser totalmente oposta ao destino que tomava e refletindo, galguei o selim, deixando o russo continuar pelo caminho que escolhera. Talvez fosse um atalho e nestas coisas o meu burro podia acertar.

Depois de percorrida uma extensão de mais de três quilômetros, reparei que o crepúsculo sucedia-se ao dia, e a noite ameaçava cercar-me naqueles matos.

O caminho, de espaçoso que era a princípio, estreitava-se agora sensivelmente, cada vez mais sinuoso e coberto de pedregulhos. Numerosos ramos de arvoredos chegavam quase a vedar a passagem e já por duas ou três vezes me vira obrigado a apear, a fim de melhor transpor altos, baixos e pequenas depressões formadas pelas chuvas.

A situação complicava-se, afigurando-se-me já um tanto perigosa e, diante do desconhecido, sentia-me receoso de me ver perdido naquela espessa floresta. Passar uma noite nos matos não é lá das coisas mais saborosas, daí, a solidão que tudo invade, as trevas da noite, as feras, oh sim as feras, as onças, as serpentes, os insetos venenosos... Um horror! Neste momento, procurando não abandonar o sangue frio, ia talvez com resolução voltar algures, quando um assobio monótono, saído do meio da floresta chamou-me seriamente a atenção.

O russo acabava de parar e um estremecimento ou um choque abalou todas as fibras do meu corpo.

Lançando de soslaio um olhar em volta de mim, pus-me à escuta.

O assobio fez-se de novo ouvir.

Não havia dúvida era um réptil, um jararacuçu, uma das cobras mais venosas de nossos sertões. (*Lachesis mutus*?)

E onde estava ela? Ali a dois passos de distância, enroscada num galho de árvore, a três metros de altura, planejando provavelmente o ataque, no sentido de botear a um de nós!

Qual a vítima, eu ou meu russo? Eu, com toda a certeza.

Entre Cila e Caríbdis, tornava-se forçoso tomar a decisão em ato contínuo de matar o monstro cujo olhar endiabrado provocava-me irritações nervosas.

E não trazia como de costume a tiracolo a minha espingarda maneira, portava, porém, uma garrucha com a qual ia fazer fogo pela primeira vez. A minha vida estava numa *dependura*, era forçoso não a sacrificar.

A cobra começou a mover-se lentamente. Se errasse a pontaria... Não havia um minuto a perder. Resoluto, apontei a arma, tomando por alvo a cabeça do bicho e... fiz fogo.

A detonação ecoou no espaço, seguida de outro eco.

O russo nem se movera. Que magnífico burro de guerra!

A serpente caíra agitando-se em vivas convulsões... Estava morta.

Fora feliz na pontaria.

A cabeça chata do réptil mostrava-se despedaçada pelos projetis que nela se empregaram.

Morto o bicho, optava por abandonar aquele sítio. Fugir, retroceder, avançar, em tudo pensava, desfazendo-me em conjeturas. Cansado depois de ter percorrido oito boas léguas nesse dia, via-me a braços com a noite, que tudo ia envolvendo, perdido num caminho abandonado, cheio de encruzilhadas e cercado por densos matos!

A presença daquela enorme serpente, morta a dois passos de mim, horrorizava-me, e louco de aflição soltei ao acaso um grito a cujo eco respondeu um outro eco. Pus-me de novo à escuta e não tardou que meus ouvidos fossem novamente feridos por um som, que retumbou nas vastas amplidões do espaço.

Desta vez, porém, era certo que se tratava de uma voz humana e se adiante de mim existisse habitação devia estar apenas a duzentos ou trezentos passos de distância. Montando de novo, continuei a subir a ladeira, rompendo os matos e como daí a pouco me quisesse convencer de que seguia a direção desejada, soltei um brado cujo eco deixou de produzir efeito. O meu invisível guia de há pouco, já não fazia caso dos meus gritos.

Procurava o animal o caminho melhor a seguir e eu cada vez mais desorientado, nem sentia os arranhões que os ramos das árvores me faziam no rosto. O mato cada vez mais emaranhado enchia de obstáculos à nossa passagem. Os cipós entrelaçados eram barreiras a vencer e por vezes tive de cortá-los à faca.

Chegou o momento em que pouco ou nada enxergava adiante do focinho do meu russo. Era noite. Mais uma vez impelido pelo desespero a que chegara, bradei em alta voz:

– Estou perdido!

Oh acaso, feliz e abençoado acaso, foi a ti que devi mais uma vez a minha salvação.

Através dos matos, dos ramos e das folhas, eu acabava de divisar um pequeno clarão, a alguma distância do ponto em que me achava e perto de mim dois pontos luzidios, dois olhos brilhavam fixos nos meus.

Um tremor frio e convulsivo percorreu-me os membros, com mais rapidez que o estrondear do trovão e como alumiado pela luz de um raio, divisei diante

de mim um vulto humano. Assim esses olhos não eram de uma fera, eram sim de um homem preto como o carvão, a erguer-se como um fantasma no seio do solitário bosque.

– Um negro, um *monduçara*! Pensei um instante. Ele olhava-me pasmo ao mesmo tempo em que voltava para o ar o cano de uma espingarda, que tinha segura nas mãos. Ia provavelmente fazer fogo sobre mim, julgando-me um inimigo, no mesmo momento em que possuído de desespero, gritava pouco antes: – Estou perdido!

– Sinhô é capitão do mato? Perguntou o preto sem mais preâmbulos?

– Eu, capitão do mato, pegador de negros fugidos! Nunca. Amo a liberdade e a vida. Sou simplesmente um viajante perdido nestes matos. Quem quer que sejas tu, protege-me, dá-me uma pousada no teu rancho, se é que o tens. É tudo o que te peço. E enquanto riscava um fósforo, o pobre preto deitava sobre mim um olhar de compaixão, para depois tomar as rédeas do meu russo e fazer-me sinal que o seguisse.

– Não tenha mais susto, disse-me ele. O nosso rancho está quase à vista.

Ao passo que seguíamos em direção à fogueira que crepitava à distância, cada vez mais preso de curiosidade perguntei-lhe ainda.

– Mas onde moras tu meu velho?

– No quilombo, sinhô; respondeu sem voltar a cabeça.

– No quilombo! e repeti baixinho ainda aterrado. No quilombo! Não faltava mais nada.

.....

O quilombo, rancho ou vasta choupana piramidal, construído no mais espesso dos bosques, longe de todas as vistas humanas e habitado por pretos fugidos, por um punhado de infelizes que procuram no silêncio das selvas, passar tranquilos dias, sofrendo embora rigores e provações, mas longe da fazenda, dos senhores maus, dos feitores bárbaros, do cortante azorrague, das amarguras do tronco, do trabalho insano do eito!...

O quilombo é, pois, preferível a tudo isso.

Ali onde vive um bando desses coitados, há paz e fraternidade. Todos compartilham das mesmas desgraças ou dos mesmos gozos.

Nada lhes falta. Próximo ao quilombo, cercadas por impenetráveis e viçosas florestas, também os quilombolas têm as suas roças, e nelas plantam o milho, a mandioca, a cana, o aipim, etc. A natureza oferece-lhes mil coisas úteis. Frutos de várias espécies, desde o palmito até a árvore do pão ali existe. A caça, a pesca, serve-lhes de produtivo passatempo. Água da melhor e mais cristalina, e quando sentem absoluta falta de um ou outro gênero de primeira necessidade, um deles, rodeado de mil cautelas e sem deixar sinais de sua passagem vai à povoação mais próxima e tudo obtém a troco do que consigo leva.

O quilombo, situado em local de antemão escolhido, é como uma fortaleza defendida por valentes fugitivos.

Aí também há toques de viola e monótonos cantos a quebrar a solidão da selva. Os quilombolas crentes e cheios de fé também pedem a Deus que os proteja e livre dos seus opressores. Também se ouve ali os doces vagidos da criancinha enlaçada nos braços de uma mãe repleta de abnegação e de amor; enfim, o quilombo, longe de nos assombrar, enche-nos de admiração e de respeito. Aí tendes leitor, o que significa tudo isso a que se ajunta o nome quase eufônico de – Quilombo.

.....

Acabava o velho preto de chegar ao local designado. Ao mesmo tempo, como por encanto, e com efeitos de mágica, eis-me rodeado por alguns quilombolas cujos olhares, denunciando curiosidade, pareciam nos inquirir.

Dentre eles, surgiu um que depois de conferenciar aparte com o outro que me precedera, dirigiu-se-me, indicando um toco de madeira para me sentar.

Incontinente, aquele bando de foragidos, fazendo coro, salvou-me, usando da conhecida cantilena.

– *Sá vazé só Cristo*, que em melhor português significa – Salvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

O negro que então a mim se dirigira, era o chefe que ali impunha a ordem. Sua figura atlética e seus gestos o denunciaram.

Depois de ouvir tudo o que me sucedera naquela tarde nefasta, mostrou desejos que me tranquilizasse, pois, na manhã seguinte, ensinar-me-ia o

caminho a seguir. Um pouco atrás do chefe, os quilombolas reunidos e acorados continuavam a fitar-me, atentos e de braços cruzados. Longe de inspirarem terror, inspiravam dó pelos seus sofrimentos.

As imediações do quilombo eram alumiadas pelo clarão de uma fogueira, que crepitava perto de nós.

Pai Moé, como era conhecido entre os seus, começou então a narrar-me a história da sua triste vida, por uma forma um pouco mais obscura, numa linguagem rasteira e que resumiremos aqui tanto quanto possível.

Nascera em mesta senzala, numa fazenda do Estado de S. Paulo, ali para os lados do Amparo. Sua mãe fora escrava como ele.

Passara os primeiros anos da infância no colo da mãe, ou brincando nos terreiros juntamente com outros pequenos parceiros e até com os filhinhos de seu senhor. Só alguns anos depois de nascido, lhe meteram no corpo uma grossa camisinha de algodão. Até aí saltava, corria, brincava, sempre nu. Era moda e não havia necessidade de fazê-lo rasgar roupas.

Passado esse tempo descuidoso, viram-no completar dez anos de idade, quando o feitor recebeu ordem de dar com ele no eito. Principia então o seu sofrer.

À proporção que ia crescendo, mais dele exigiam, mais trabalho, mais sacrifício, até que se tornou um verdadeiro burro de carga e a tudo se sujeitava, tudo sofria com resignação; umas vezes, suando e morto de fadiga, outras tiritando de frio, recolhia-se à senzala, tarde, depois do serão; e antes que seu

corpo readquirisse no sono novas forças, o tlim-tim-tim da matutina sineta, muito antes do romper da aurora, ia despertá-lo e pô-lo de pé. Instantes depois, via-se enfileirado com seus parceiros, pronto a responder ao chamado antes de seguirem para a roça, teatro de mil prodigiosos sacrifícios. A chibata, o azorrague, o tronco, o chicote, o vira-mundo, a solitária, tudo experimentara antes de completar vinte anos de idade.

Quando se atrevia a chegar junto do senhor, reclamando, protestando e externando-se acerca do seu amor ao trabalho, respondia-lhe ele, verdadeiro algoz das criaturas, com termos grosseiros de diabo para cá, diabo para lá, que aguentasse como os outros, que a negro nada se perdoa, que preto é mais bicho do que gente, que o chicote e o tronco eram precisos para lhe abrandar o fogo do corpo, que o castigo dar-lhe-ia a sujeição e evitaria males futuros, enfim, que o feitor fazia muito bem em sová-lo e que fosse logo para a roça ou para o eito, com trezentos milhões de diabos.

As coisas continuaram sempre neste pé.

Chegou a época em que o malvado senhor, antevendo lucros da procriação e vendo nele um homem possante e viril, um magnífico touro de raça, ou quem sabe se um puro-sangue, tratou de casá-lo e deu-lhe por noiva uma das crioulas mais sacudidas da fazenda e que foi do seu agrado.

Ao menos em parte, as coisas tendiam a melhorar. Tinha Pai Moé uma companheira de martírios e, sem demonstrações, tudo continuava a sofrer com pronunciada resignação.

O diabo fê-lo ainda mais infeliz e sua mulher, tempos depois, ameaçada de mil castigos e torturas, traía-o, entregando-se nos braços do vil feitor, um português transmontano, bruto e de maus instintos. Quis vingar a sua honra ultrajada, e dar cabo do miserável, mas não, tudo fingiu esquecer, calando-se. Deus, porém, o vingou, chamando a contas o bestial feitor.

Mudaram-se os tempos.

O novo feitor tratava-o melhor e como sua mulher se mostrasse arrependida, perdoou-lhe a falta cometida e continuou a estimá-la. Decorridos alguns meses, dava ela a luz uma formosa criancinha parda clara, o que vinha ainda denunciar a culpa da sua mulher.

Esta criança era filha do finado feitor, todavia o bom Pai Moé, como amava sua mulher e tudo lhe perdoara, recebia sempre em seus braços, cheio de alegria, aquela que adotara como filha e que recebera o nome mimoso de Mutira.

Decorreram os anos e a vida de cativo continuava.

Mutira crescia rapidamente e, bonita como era, recebia tanto de seus senhores como dos filhos dos mesmos e de todos, provas de amizade e de carinho. Sua senhora, vendo-a já crescida, chamou-a para casa, incumbindo-a do serviço mais leve.

Mutira, esperta e ladina, tornou-se dentre em pouco a mucama mais lesta da fazenda.

Acabava ela de completar as suas quatorze primaveras, quando seu senhor, então velho e alquebrado pelas moléstias, foi-se desta para melhor. Com a sua morte, longe das coisas melhorarem, pioraram sensivelmente.

O *sinhô moço*, que acabava de voltar à fazenda, depois de perder tempo e dinheiro no grande Rio de Janeiro, mais burro do que foi, apesar dos anos passados nos bancos escolares, quis fazer-se de mandão, dirigir serviços, sem perceber nada de lavoura, dando ordens absurdas que, no entanto, eram cumpridas.

Tudo ia a pior e como o gênio exaltado e má índole de que era dotado, lhe não permitissem ouvir os conselhos de sua mãe ou dos parentes mais próximos, mil consequências funestas surgiram a cada passo.

Os seus instintos malévolos provocavam repetidas reclamações pelas vizinhanças e na própria fazenda.

Nesta havia um rapazola, mulato, da cor de Mutira e que uma tarde a só com pai Moé dera-lhe a entender de que gostava dela e que se fosse do seu agrado e mais da sinhá velha casaria com a pequena.

Lotélio era um sacudido rapagão e filho do falecido senhor, o qual em seu testamento o deixara livre, com a cláusula de serviços por cinco anos. A origem do nascimento de Lotélio parecia ignorada por todos com exceção do pai Moé e de mais dois escravos.

Lotélio chegou enfim a tornar-se suspeito para com aquele que ignorava ser seu irmão, o qual via nele um rival secundário. As contínuas visitas pelas

varandas, pela horta, os encontros rápidos, as trocas de olhares foi o bastante para acabar de convencer ao *sinhô moço* que Lotélio amava Mutira e isto bastou para que ele, enfurecido, visto as intenções que já alimentava sobre a bela mulata, chegasse a ordenar ao feitor que nada perdoasse ao pobre rapaz. Este que tinha também seu geniozinho, maltratado repetidamente, um dia ameaçou o feitor e por castigo foi metido no tronco onde permaneceu dias seguidos.

Enquanto ele coitado sofria tantas torturas, *sinhô moço* abusava covardemente da inocência de Mutira.

Lotélio ainda sofrendo como mártir, veio a saber do que se passava fora da masmorra em que jazia encerrado, e com o coração despedaçado, louco de dor, nem pode levar as mãos ao rosto para enxugar as lágrimas que por ele se deslizavam.

O seu aspecto inspirava compaixão, coisa que por lá não existia.

Como, porém, sucede, estava a soar a hora final.

Lotélio viu-se livre do tronco e da masmorra. Livre, lembrou-se da desforra.

Sucedeu então a maior de todas as desgraças, e pai Moé nem tempo tivera de evitá-la, porque nessa ocasião estava distante.

Lotélio, aproveitando a oportunidade e cercado pelas trevas da noite, penetrou no aposento de Mutira e aí mesmo, ébrio de vingança, atravessa-lhe

com uma faca o coração, deitando-a por terra. O senhor moço, seu próprio irmão, não escapou da sua fúria e num momento três cadáveres juncavam o solo.

Cometido o duplo assassinato, Lotélio preferira suicidar-se.

Quando pai Moé veio a saber do que se passara em sua ausência, caiu em profundo pranto. Estas cenas da escravidão são tristes, muito tristes, nem vale a pena recordá-las.

Pai Moé nada mais esperava do cativo. Perdera a sua filha adotiva e meses após, a sua companheira de trabalhos. Mágoas sobre mágoas. A fazenda e escravos foram à praça e novo senhor, novo algoz, ambicionava desfrutar o suor dos míseros cativos.

Novos horrores e novos martírios.

– Para não me tornar assassino, terminava pai Moé a sua história, fugi mais dois parceiros, vagamos pelos matos, sofremos fome e frio, unimo-nos a outros como nós e fundamos aqui o nosso quilombo.

.....

Pai Moé acabara de contar estes fatos dolorosos, com os olhos umedecidos. Conservava-me quedo com a solidão que nos rodeava.

Decorridos alguns segundos, o bom e corpulento velho ergueu-se e voltando-se para mim, disse em tom de súplica:

– Sinhô é o primeiro branco que aqui vem, portanto é preciso que nos faça um juramento.

– Vejamos, respondi adivinhando...

– Jura que não nos trairá, propalando a existência deste quilombo?

– Não preciso jurar pois que nunca fui traidor. Prometo-vos que jamais falarei nisso a quem quer que seja, só... quando a escravidão no Brasil haja sido abolida. Não será com a ingratidão que eu deva pagar a tua hospitalidade desta noite.

Pai Moé sorriu-se, compreendendo significativamente o que lhe dissera.

– Agora, exclamou, estou satisfeito. E como sentisse desejos de se estender, tornou ainda – Ah este mundo, este mundo *só* branco, é...

– Uma bola, acrescentei.

– Uma bola mesmo, tornou ele, com a certeza de que nele uns rodam e outros são rodados.

– Apoiado.

Pai Moé era filósofo, não havia que ver.

– Não falemos mais em coisas tristes.

O bom velho tinha-se separado de mim alguns instantes e, voltando depois, disse:

– Vamos cear, *sinhô* moço branco há de estar com... *rato no paiol*.

– Ah! Ah! Ah! *rato no paiol*. Ora este Pai Moé é um pândego.

O meu pasmo subia ao zênite do encantamento quando ao lado da lareira, vi estender uma esteira e sobre ela um excelente caititu assado, pombas juritis, pirão de mandioca, angu de fubá, rodela de palmito ensopadas e várias frutas de que constava a ceia.

Parecia-me tudo isso um sonho e era realidade.

Uma brisa agradável soprava continuamente, fazendo rumorejar as folhas das copadas árvores.

Antes de me atirar ao magnífico caititu, que estava a provocar o apetite, desfazia-me em considerações, certo sempre de que ali nada havia a temer. Eu tinha em volta de mim gente rústica, negros fugidos é verdade, mas deles só podia esperar provas de sincera e leal hospitalidade. Antes ali entre eles do que nos matos perdido e prestes a ser devorado pelas feras. Era muito feliz. Fora Deus que me servira de mais uma vez permitir que eu penetrasse no vasto escrínio das misérias humanas.

Uma noite no quilombo! isto afigurava-se-me como um sonho, um romance!

O que mais me provocava a admiração era a limpeza e a ordem que ali existiam. Somente do interior da vasta choça, desprendia-se uma murrinha desagradável, provocando-me ligeiro enjoo, que era dissipado pelo ar impregnado do aroma dos bosques.

Terminada a silvestre refeição, tirei da bolsa e ofereci cigarros aos quilombolas, que os aceitavam contentes.

Pai Moé então, desfazendo-se em desculpas, fez-me ainda provar do café do quilombo servido em pequenas cuias e, tentando distrair-me, chamou por um dos companheiros, um jovem mulato, dizendo-lhe.

– Sizano, traz a tua viola e vem cantar algumas das tuas *modas*, para alegrar *sô moço* branco.

Não havia dúvida, íamos ter cateretê ao ar livre! os rigores do samba iam-nos distrair! E digam lá que entre as brenhas, as belas artes não tem rústicos representantes...

Bom ou mau, a originalidade encerra um sucesso. Ali não se caracterizam atores, nem se falsificam personagens.

O rapaz foi e voltou trazendo a viola e daí a pouco o silêncio da floresta era quebrado pelo canto umas vezes alegres, outras monótono do quilombola. Esses sons ressoavam a meus ouvidos, com o tom de magia, enquanto contemplava semi-estático o sublime quadro que se desenrolava em torno de mim.

O mulato era um improvisador de força e de vez em quando, saía-se com uma destas:

Ao nosso pobre rancho
Sô moço blanco chegou,
E o sabiá na aroeira
Pousado alegre cantou.

Viva sô moço blanco

Viva nosso pai Moé
Vivam *vancês* todos,
E viva eu *inté*.

E aqui onde está *sô* moço
Assentado ou *in* pé,
Há de ainda nos desculpar
Se não bebeu um bom café.

Tudo foi correndo mais ou menos neste gosto até que, debilitado pelas fadigas da viagem, acabei por entregar-me ao sono.

Decorria a noite e... eu dormia, dormia como um padre. A respeito de mosquitos, pernilongos, não os vi nem os senti. Parecia incrível.

Que noite, que noite agradável! Sonhei até coisas esplêndidas, como transportado a um éden, a um paraíso.

Quando despertei o dia começava a romper e frouxos raios penetravam até mim, por entre os hiulcos interstícios dos copados arvoredos.

O meu burrinho já pronto e encilhado estava à minha espera.

Decorrida meia hora, pai Moé quis ele mesmo acompanhar-me até a borda da mata e apenas me acabara de despedir dos quilombolas, grato pelo agasalho que me haviam concedido, partimos do quilombo.

A manhã estava fresca, mas não fria.

Numerosas araucárias orlavam o caminho mal rastejado, anunciando-nos as proximidades dos campos mineiros.

Numerosas correntes de água rebentam do solo úmido e o gorjeio matutino dos passarinhos, parecia unir-se ao mais pequeno ruído partido do seio dos bosques.

– Ainda um arranco e estamos no *limpo*, disse pai Moé, parando por um momento para tomar respiração.

Continuamos a subir até que, minutos depois, eu via desenrolar-se a olhos nus, o mais sedutor e belo panorama que se possa idear.

Quanta beleza, quanta poesia, quanto encanto, encerram esses campos nativos de Minas Gerais!

– Pronto, meu branco, disse pai Moé, levando ao ar a calejada mão e indicando-me a direção que devia tomar, a fim de cair novamente na estrada real.

Ouvi-o atenciosamente e certo de não me vir a enganar abracei-o reconhecido, e dele me separei saudoso, dizendo-lhe ternamente – Até o dia da liberdade.

.....

À proporção que caminhava, novas belezas, novos e encantadores horizontes, deliciosas paisagens estendiam-se a perder de vista.

Os caãpums, como oásis num verdejante Saara, surgiam repentinamente, ao passo que os primeiros raios de sol iam dissipando as camadas de neblina que os ocultavam. As gotas de orvalho reluziam brilhantemente sobre o solo relvoso salpicado de pequeninas flores.

Percorridas proximamente duas léguas através de tais desertos, chegava à estrada central.

Pai Moé fora daquela vez o meu anjo salvador. Tinha certa e segura a estrada que me conduzia ao ponto do meu destino.

Um passeio aos Campos do Jordão

A VALENTIM MAGALHÃES

Nunca havíamos visitado os afamados Campos do Jordão, cujo poético nome desperta por si só o mais irresistível desejo de os conhecer.

Portanto, feliz e ditosa foi a hora em que nos decidimos a partir.

A viagem, num só dia e na estação calmosa, torna-se por demais fatigante e foi justamente por isso que, deixando a cidade de Pindamonhangaba um pouco tarde, nos dirigimos à fazenda do Sr. M..., que fica justamente na raiz da serra.

O Sr. M..., moço ainda e de excelentes qualidades, prodigalizou-nos os maiores favores e cuidados que em tais casos se tornam poderosos auxiliares para abreviar o tempo da viagem.

No dia imediato, após frugal refeição, pusemo-nos novamente a caminho.

Era essa a segunda parte da nossa viagem e justamente a mais interessante, se não tivéssemos de caminhar durante cerca de uma hora numa estrada quase intransitável, cheia de despenhadeiros, pedregulhos e lamaçais enormes. Um caminho do inferno às portas do céu.

Apenas se acaba de galgar o alto da Serra da Mantiqueira, a temperatura muda sensivelmente.

A própria natureza é outra, e o solo bastante fértil cobre-se do mais majestoso e copado arvoredado.

A água, verdadeiro líquido de cristal, aí se encontra, ora remansada e queda em algum pequeno brejo, ora inquieta e buliçosa, rolando em catadupas dos mais elevados píncaros que possível é se imaginar, provocando constantemente a sede aos viajantes.

Após ainda duas a três horas de marcha, interrompida unicamente por acidentes imprevistos, ou então quando parávamos para contemplar o marulhar das águas buliçosas do formoso Piracuama, não tardamos a chegar à povoação de Santo Antônio do Pinhal, onde, deixando à esquerda a estrada que segue para S. Bento, nos dirigimos, pela direita, para os campos que alcançamos, quase a boca da noite.

Oh! sublime contraste da natureza!

Como é doce, tão livremente aspirar um ambiente impregnado do grato aroma das flores campestres?!

É aí que poetas melancólicos e descrentes da vida como Casemiro de Abreu e outros, poderiam ir, sem temor de que ninguém os escutasse desabafar os seus prantos e aliviar as mágoas que os torturavam.

É aí que o espectador vê desenrolar-se, como por encanto, o mais sublime e original panorama que se possa idear. Milhares de pinheiros araucárias se elevam majestosos nos amenos vales ou profundas grotas e se divisam separadamente por uma superfície de mais de quinze léguas de extensão. Gramíneas e urzes bravas salientes em pontos distanciados, destacando-se do verdejante tapete dos campos, sobre os quais alegres e fugitivos bandos de maitacas, papagaios, tucanos e periquitos e uma infinidade de outras aves passam velozes, animando essas alturas.

Do aprazível alto chamado da Boa Vista, é que se descortinam cenas deslumbrantes e de onde se destacam pontos mais culminantes, tais como a grande pedra do Baú e o planalto de Itapeva.

Retiros diversos se veem espalhados aformoseando ainda mais esses campos nativos e estrelados de flores variegadas. Rebanhos de vacas de leite pastam tranquilamente nas margens de pequenos regatos.

A alguma distância, num ponto que não prima por ser o mais próprio dos campos, naquelas três ou quatro léguas em redondo, descobre-se a pequena povoação de Imberi, onde tem sua residência o Sr. Matheus Pinto, distinto cavalheiro e proprietário de uma grande parte desses terrenos, que outrora pertenceram a um tal Jordão, de onde tiraram o nome.

Está a povoação de Imberi cerca de 1500 metros acima do nível do mar, se bem que a 2000 talvez atinjam vários outros pontos bem próximos.

A viração sudoeste que aí sopra constantemente não deixa que pessoa alguma experimente calor, até mesmo na maior força do sol.

Tudo o que nós havíamos antes vaticinado, jazia vivamente impresso sob nossas vistas.

Ao aproximar da noite, seguíamos em direção ao povoado. A lua clara e brilhante em quase toda a sua plenitude, realçava vivamente o esplendor da paisagem.

O ar aromático que aspirávamos era fresco e agradável e nossa alma infundia-se de contentamento, a par dos mistérios da natureza.

Pequenas lagoas e regatos, cujas águas correm tranquilas, parecem chamar a suas bordas o forasteiro, que deseja ver a sua imagem reproduzida à luz da lua, oferecendo-lhe a fragrância das ninfeias e golfões semeadas de espaço a espaço e levemente agitadas pela aragem noturna.

.....

Os moradores dos Campos do Jordão são na maior parte pessoas doentes, notando-se entre elas não poucas afetadas de moléstias distróficas de tuberculose e de tísica em geral.

A influência profilática deste clima é tão benéfica, que todos aqueles que se acham predispostos à tuberculose, segundo temos ouvido, nele encontram o mais poderoso lenitivo ou paradeiro de seus males.

É a essa atmosfera seca, a esse ambiente inebriante que se respira e ao leite puríssimo que aí abunda, que muitas pessoas devem a recobrada saúde.

O clima dos Campos do Jordão ainda um pouco desconhecido daqueles residentes fora do Estado de S. Paulo, é o melhor do Brasil, talvez, para a cura completa e radical de qualquer começo de moléstia do peito.

Vários e distintos médicos têm escrito e falado circunstanciadamente sobre a eficácia de tão benéfico clima.

De um deles veja o leitor estas linhas:

“A estação sanitária dos Campos do Jordão é um magnífico salvatério para os doentes, e uma inestimável solução para todos os casos difíceis em que a consciência do médico se vê em torturas.”

Foi tal a impressão que sentimos durante os poucos dias que estivemos nos Campos do Jordão, que jamais nos podemos olvidar do seu belo clima e da sua posição poética e pitoresca.

.....

O dia da volta chegou quando menos esperávamos.

Havíamos-nos levantado cedo. A aurora principiava a bruxulear no horizonte, o céu pressagiava um belo dia, a rasteira vegetação coberta ainda pelo orvalho, tinha parecença com um solo repleto de pequenos cristais.

Assim partimos dali, contemplando em silêncio as sublimidades da natureza.

1883.

De Cuiabá ao Livramento

Quem nos conhece sabe perfeitamente que o nosso gênio e temperamento nunca nos permite estar *à toa* como vulgarmente se diz.

Foi pois com imenso pesar e fora de nossos hábitos que, a 15 de julho de 1891, chegando à capital de Mato Grosso, tive de ficar meio mês no hotel até arranjar casa, entregue ao mais enfadonho ócio que é possível imaginar. A ociosidade é nossa inimiga, nunca a pude admitir e seria o maior de todos os sacrifícios entregar-me a ela, a não ser em horas recomendadas pela higiene ou para relaxo do corpo e do espírito.

Apraz-me tanto o bulício das grandes cidades e dos seus *causeurs*, que muitas vezes parecem desafiar o nosso proverbial mutismo, como gosto e sinto prazer de concentrar meus pensamentos aos cambiantes da natureza, respirar um ambiente puro à sombra das árvores seculares, nos recantos virgens dos bosques, onde a natureza se mostra de uma vitalidade exuberante.

Aborrecido e encafifado como dizem os que ainda roçam os bancos escolares, uma tarde montei a cavalo e fui até o Coxipó, onde, em vez de sonhar com as belas como sucede a outros, sonhei com uma caçada de perdizes, que no dia seguinte realizei dali a duas léguas.

À noitinha estava de volta. O passeio havia-me feito bem, voltara o apetite para, logo no dia imediato, desaparecer novamente.

Passei o dia mal.

Ao amanhecer, de imediato arranjava um burro e punha-me ao fresco.

Para onde? Nem eu sabia.

Tomei ao acaso a direção do porto e lá chegando meti-me na balsa.

Na margem oposta cheguei-me perto de um toucinheiro interrogando-o –
Que povoações temos aqui seguindo por esta estrada?

– Temos muitas.

– Mas quais são elas?

– a Vargem Grande é a primeira, depois o Livramento, o Poconé, Vila Maria, Mato Grosso.

– Hein! basta homem. Não vou tão longe, Mato Grosso!

Agradecendo meti esporas no burrico.

O Melão, apesar de gordo demasiadamente, parecia disposto, mas até a Vargem Grande não farejou perdiz alguma.

Esta Vargem Grande é um lugar *bonito* e que um dia pode vir a ser bastante feio. Imaginem os que nunca lá foram, que ao centro da povoação há uma lagoa, ponto de miasmas de onde, nesta quadro do ano, partem exalações pantanosas.

Depois de ligeira refeição, apesar do imenso calor, montei novamente e segui, para só parar dali a uma légua. Terrível sede me devorava, sem que me

fosse dado encontrar uma gota de água para a mitigar. Na persuasão de a encontrar, continuei a marcha, mas de espaço a espaço apenas distinguia poços de lama, água estagnada, onde a matéria orgânica jazia putrefata.

A estrada é orlada apenas do que encerram as paragens desabitadas dos desertos.

Vencidas três léguas e três quilômetros, pelas cinco horas da tarde, sem saber com certeza para onde voltar, encontrei-me em uma bifurcação com um preto que me disse estar apenas a duas léguas do Livramento.

Continuando, cheguei a um sítio deserto como os mais, onde felizmente encontrei o precioso líquido. À sombra de frondosa árvore, a água desprendia-se aos borbotões, banhando-lhe as raízes e formando depois um delgado fio que se estendia em silêncio sob enfezada vegetação. Satisfeito e não havendo tempo a perder, ganhei de novo os duros arreios, refletindo então sobre minha chegada a essa vila, onde absolutamente ninguém conhecia.

Deixando o solitário ermo, continuei a marcha e pelo anoitecer tinha em face as primeiras casas da Vila do Livramento.

Dirigindo-me a um velho que se achava muito a gosto sentado na soleira de seu casebre, saudei-o perguntando:

– Quem é o *manda chuva* desta terra?

O pobre homem não me compreendeu e apenas ergueu-se, conservando respeitosa atitude.

– Quero dizer, continuei, qual é o homem de mais nomeada nesta vila, preciso pedir uma pousada e não sei a quem o fazer...

Ah... respondeu. Aqui temos o capitão Joaquim Agostinho, o Nhô Serra...

– Muito bem? Qual o mais próximo?

– Nhô Serra.

– Para lá me vou. Até logo e muito obrigado.

Enfiando por uma pequena série de becos e vielas orladas de taipas pardacentas, cheguei finalmente a uma praça que logo reconheci ser o centro da povoação.

Em uma casa de modesta aparência, mas limpa e asseada, encontrei o Sr. Moreira Serra, a quem me apresentei e antes de pedir para conceder-me o favor de uma pousada, adiantou-se ele oferecendo-me a sua casa e apresentando-me em seguida à sua família.

Estava eu convencido que não é só nos Estados de Minas e Goiás que a hospitalidade é conhecida.

Aí nessas remotas paragens de Mato Grosso encontra-se o mesmo agrado, a mesma afabilidade que em geral tanto distingue o povo brasileiro. Até nos pontos do território nacional, onde exista civilização, ou mesmo sombra dela, o forasteiro ou o peregrino, o explorador ou o simples viajante não morre de fome, nem dorme ao relento, a menos que não seja por gosto.

Terminada a magnífica e succulenta refeição de que o Sr. Serra se dignara a me fazer partilhar, procurei a fresca do largo, dardejando meus olhos curiosos sobre as habitações iluminadas pelo fúlgido clarão da lua, que a essa hora se desliza entre nuvens de um branco argênteo, qual deusa, abandonando ao vento sua alva facha.

Assim rodeado de um silêncio próprio daquelas alturas, eis que se me apresenta a figura simpática do Dr. Emiliano de Matos, muito digno Juiz de Direito da comarca e a quem conhecia apenas de nome.

Após deleitável conversação, amenizada pelas brisas daquela hora, ofereceu-me o amável doutor a sua casa, instando para lá passar a noite, o que aceitei e reconhecidamente agradei.

Ao amanhecer do dia seguinte, tratei apressadamente de percorrer a povoação, que é composta de uma praça e quatro ruas principais.

Ao centro daquela destaca-se o edifício da matriz, templo regular, construído às expensas do povo.

Ao passar numa esquina, imensa admiração me causou a presença de um dístico, que não pode escapar de severa crítica.

Rezava assim:

“Ridendis castigate mores.”

Naquela casa existe uma escola elementar e a presença de tal dístico é o maior abuso que dar-se pode, denotando simplesmente parca compreensão das coisas.

Isto é mais próprio para um palco, mas para uma escola onde se ministram as primeiras noções do dever é simplesmente irrisório.

Crianças não têm costumes a castigar.

Hão de tê-los e para que os não venham a ter maus, ali recebem os meios de evitá-los pelo cultivo intelectual.

O indivíduo de maus costumes é retirado da sociedade, porque pela anomalia de seu contato pode prejudicar o movimento progressivo da sociedade.

Tratando-se de crianças, de seres ainda pouco mais que embrionários, é uma estulta incoerência.

A presença, pois, de tal dístico é um grande insulto, atirado em cheio e em plena face da juventude, e, em nome dela, eu protesto solenemente contra tal monstruosidade.

A Vila de Livramento é finalmente uma povoação que oferece agradável perspectiva ao viajante.

Aproveitando a fresca da manhã, parti saudosamente desse lugar.

Na Serra de S. Jerônimo

Durante a excursão que ultimamente fizemos à Chapada, não pudemos resistir ao desejo de galgar a temível Serra de S. Jerônimo, como é denominado um dos pontos mais elevados do sistema orográfico de Mato Grosso.

Assim partia em uma belíssima manhã da fazenda do Buriti, acompanhado pelo Sr. Eleodoro, que me servia de arrieiro, e um moço dali, hábil e proveitoso guia, que se oferecera para me levar até a base da montanha.

Às oito horas da manhã, chegamos a um sítio onde só se divisava penedos e rochas sobrepostas ou desmoronadas, cobertas de líquens, de musgos e de raros arbustos que a custo lhe saíam das fendas. Aí prendemos os animais e parti unicamente seguido de Eleodoro.

Parece-me que o tal monte só é acessível pelo seu flanco de sudoeste e por isso para alcançar-lhe a base, foi necessário transpor aquela pedraria, fazendo-se desde então exercício da mais perigosa ginástica.

Já próximo do ponto desejado, tivemos de atravessar espessa mata e, ao sairmos, em um claro, Eleodoro chamou-me a atenção para uns amassados que indicavam a estada ali pouco antes de um grupo de índios. E não se enganara porque logo demos com a batida deles em direção ao morro pela qual seguimos.

Desde então principiamos a travar ingente luta para galgarmos a misteriosa montanha, onde só me consta haver ido até hoje o sábio americano Dr. Herbert Smith.

Subindo sempre, não tardei encontrar obstáculos que vencia corajosamente, apesar das escoriações que ia recebendo e da força despendida muitas vezes em içar o Melão, meu perdigueiro, ou servir de escada ao Eleodoro, homem fraco e que já se achava bastante arrependido da empresa a que se afoutara.

À proporção que subíamos, o espetáculo aumentava de imponentia e amplos, dilatados horizontes ficavam a descoberto, apesar do sol escoar-se tão pálido, que parecia coado pelas brumas que mal se distinguiam ao longe no espaço e mal tingindo com sua dourada luz a paisagem desataviada dos desertos.

Após alguns momentos de descanso, continuamos a subir até que depois de ingentes esforços chegamos a um sítio que nos pareceu ser o ponto final da excursão. Acabávamos de sair do inferno e estávamos às portas do céu, sem que nos fosse dado a ele aportar.

Triste situação! Colocados entre Cila e Caríbdis.

No entanto, apenas uns vinte metros de altura tínhamos a vencer, nada mais.

O cume do monte apresenta a configuração de uma enorme coroa de terra coberta de verde pascigo, sobre um rochedo talhado a pique e verdadeiramente inacessível a não ser que, para o galgar, se use de meios extraordinários.

Procurei ver se pelo lado esquerdo o conseguia, depois pelo direito, mas nada. Cruel desengano se cruzava diante de nós.

Cego pelo desejo de penetrar naquelas alturas, tirei o casaco, as botas, as meias e dispus-me à temerosa partida.

Eleodoro deixava-se ficar acariciando o Melão, que não cessava de latir ao ver-me afastar sem que pudesse seguir-me.

Fazendo prodígios e sem pensar nos perigos a que me expunha, subi uns doze metros até que parei em descanso alguns momentos. Já havia conseguido quase um impossível, mas, neste momento, quis-me parecer que dali só sairia a caminho do túmulo.

Estava perdido! Faltava-me ponto de apoio e os pés e mãos enchiam-se de feridas e cicatrizes, pela força empregada para sustentar o peso do corpo, que de um momento para outro podia ser projetado no espaço.

De baixo partia uma voz que dizia acompanhado-me os movimentos.

– Cuidado! Cuidado!

Não refletindo na imprudência, cheguei nessa ocasião a olhar para baixo, como para convencer-me do perigo, e então, quase exausto, percebi que tudo ia

terminar. Uns suores frios banharam-me a fronte e, firmando-me apenas com o pé esquerdo, meio tonto e confuso, exclamei:

– Perdido!

De repente, como se uma mão invisível me amparasse e refletindo sobre a situação em que me achava, quis recobrar o sangue frio. Valeu-me uma fenda do rochedo, por onde introduzi o braço esquerdo e assim permaneci durante cinco minutos até que vagarosamente me consegui ir safando do sítio, empregando para isso imensa força e toda a cautela.

Quando cheguei ao ponto onde estava o companheiro e olhei para cima, convenci-me de que fizera mais uma loucura na minha vida.

Todavia não estava ainda resolvido a voltar sem conhecer o cume do monte. Era forçoso galgar o último tope e na persuasão de o conseguir tratei de explorar melhor o flanco de noroeste.

Daí a quinze minutos havia descoberto o que tanto desejava, isto é, um ponto acessível, e apesar das inúmeras dificuldades que mesmo assim encontrei acabava finalmente de alcançar o cimo do monte.

Vê-se ao longe o majestoso Cuiabá e a cidade do mesmo nome (em parte), o vistoso morro de Santo Antônio, isolado ente a monotonia dos cerrados que o circundam, o Coxipó e seus numerosos pequenos tributários, cá e lá um outro sítio ou fazenda e tudo quanto se acha a vista num espaço de sessenta a oitenta léguas quadradas. Além da serra para os lados de Buriti, como uma ampla linha de separação que se estende de noroeste a sudoeste e a perder de vista, lá se

acha o chapadão coberto simplesmente de relva e de raros arbustos de pequena altura, extremamente ramificados desde a base e linhifeitos apenas no centro.

Naqueles terrenos elevados, onde a variação de altitude equivale à variação da latitude, os cambiantes de vegetação tornam-se bastante sensíveis.

A parte triste nestes panoramas que se desenrolam a nossos olhos em toda a sua nudez, encontramos na série contínua de penedos desmoronados, nesses monumentos brutos que a natureza criou e conservou na passividade orgânica da ordem universal.

O cume do monte de S. Jerônimo (elevação da serra geral) pode ter de extensão uns seiscentos metros quadrados, e apresenta a forma de um platô, de agradável e sedutora perspectiva.

Disseram-me que ali existia uma lagoa, o que infelizmente é inexato, porque tornaria o lugar ainda mais curioso e pitoresco. Há sim, uma pequena depressão de terreno onde podem ficar depositadas as águas após grandes aguaceiros.

Em vez de lagoa, existe um profundo buraco de onde mão desconhecida parece ter extraído bastante ouro. Cheguei a penetrar aí e pareceu-me que lá existiu um veio aurífero cuja continuação ainda não foi explorada.

A espessura do capim tem coberto a entrada, sendo por isso perigosa a passagem ali.

Os habitantes das imediações da Chapada, povoação que existe à distância de vinte quilômetros, contam a história de um preto que, fugindo ao cativeiro, por ali errou durante anos, até voltar com grande quantidade de ouro a casa do senhor, que em troca lhe deu a alforria.

O Dr. Herbert Spencer, segundo notícias que tive, achou sobre o cume deste monte uma concha marítima e outras curiosidades.

Sobre a altura deste ponto, sinto nada poder fornecer ao leitor, no entanto, como algumas pessoas chegam a afirmar ser este o ponto mais alto do Brasil, lembro que provavelmente está demonstrado ser o mais alto o pico de Itatiaia, na Mantiqueira, 2.996 metros sobre o nível do mar.

Rodeando o cume do monte, depois de uma hora de contemplação, chegamos ao sítio onde existe uma nascente, cuja água, logo depois de brotar do solo, se desliza sobre as lajes a descoberto.

Existe na rocha uma cova natural onde se deposita o precioso líquido, provocando-nos a sede.

Próximo à nascente notei o capim amolgado em vários lugares, demonstrando claramente a estada aí pouco antes de uns vinte e tantos índios. Deste ponto avista-se a estrada do Magessi, no alto da Serra.

Estes índios, que sem dúvida são da tribo dos Coroados, foram poucos dias antes à casa de um lavrador que se achava ausente e, apesar da oposição das mulheres que ali se achavam, furtaram vinte e quatro redes e outros objetos.

Decorrida mais uma meia hora de estada em tão aspérrimas alturas, resolvi efetuar a descida. Se a ascensão fora difícil, que seria voltar estando as forças a meio esgotadas?!

Sem me dar cuidado o perigo a que me expunha, principiei a descer ora de pé, ora deitado, de rastos, de joelhos, aos abraços com as anfractuosidades dos rochedos.

Eleodoro admirava-se do meu arrojo e da minha bondade, principalmente quando depois de vencer de um salto uma grande altura, voltava a servir-lhe de escada.

Eram duas horas da tarde e nós sem almoço. A fome principiava a nos flagelar, ainda mais depois de tanta fadiga.

Chegados a meio caminho, para não termos que galgar de novo a intrincada pedraria, resolvemos atravessar o mato e ver se rodeando-o chegaríamos ao sítio onde havíamos deixado os animais, mas, desde então, entramos na parte mais triste e penosa da excursão.

Durante cinco horas estivemos nós perdidos na mata, onde talvez nunca criatura civilizada tivesse penetrado até hoje, e contar tudo o que sofremos aí durante esse tempo seria enfadonho. Bem o pode fazer o Sr. Benedito Amaro, humilde lavrador, a casa de quem aportei, que me viu lá chegar roto, em ceroulas, com o pescoço e rosto crivados de mordeduras de abelhas e marimbondos e o Eleodoro com a cabeça partida pela queda que dera numa cachoeira, por onde descemos, seguindo o riacho até as proximidades daquele

sítio. Ainda não para aí a nossa excursão porque, receoso de que os animais ficassem a noite inteira presos como havíamos deixado, resolvi partir, fazendo-nos o Sr. Amaro o favor de guiar-nos até sairmos na estrada do Magessi. Assim subimos a serra a pé, com a noite, parando-se de quando em quando, porque Eleodoro queixava-se de grandes dores, lamentando-se a todo o momento.

Apesar de todos os contratemplos, às onze horas da noite, chegávamos ao alto da serra e logo depois ao sítio onde deixáramos as nossas bestas, que encontramos em perfeita ordem.

O companheiro tinha desaparecido. Aí mesmo saltamos à matula e a um vidrinho de elixir reconstituente e, apenas confortados, montamos a cavalo, chegando-se à fazenda do Buriti a uma hora da madrugada.

Entre mortos e feridos...

Durante a minha estada em Corumbá, Mato Grosso, 1891-1892, conheci ali um alferes de artilharia de nome A. Saldanha, que se achava então adido ao 2º Batalhão de Infantaria, estacionado nessa cidade.

À primeira vista pareceu-me Saldanha ser dotado de um gênio expansivo, franco e deveras agradável, mas logo me convenci ter diante de mim um homem de maus instintos, sanguinário e malvado na última extensão da palavra.

Pelo mais frívolo motivo tornou-se Saldanha o meu mais rancoroso e encarniçado inimigo naquelas paragens, procurando-me repetidamente com o intuito de me assassinar e fazendo garbo publicamente das suas intenções pelas minhas costas.

Tivera ele a seu lado uma praça do mesmo batalhão, vulto saliente mais tarde na revolução que teve lugar nesse estado e que me dedicou sempre grande fidelidade e respeito, desde o momento em que tive ensejo de lhe valer ao invocar o meu auxílio.

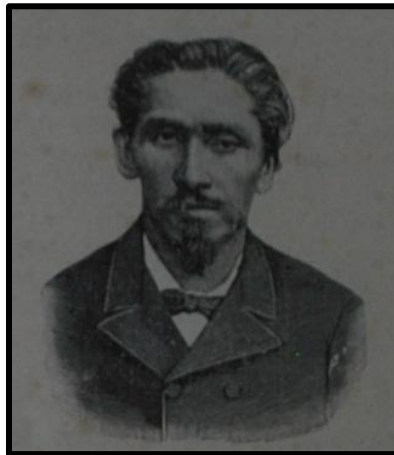
Como se sabe a revolução em Mato Grosso originou-se no conflito travado certa noite num circo de cavalinhos o que motivou repetidas desordens e escaramuças, até a exaltação de ânimos e cujo epílogo foram as cenas bélicas de que foi teatro a capital do estado.

Uma tarde fui procurado pelo soldado a que me referi e que me informou que seria morto nessa noite, e igual sorte teria o meu amigo Manoel da Costa Pedreira, proprietário de um periódico ali publicado com o título *Oásis*, onde foram estampados alguns artigos em que era criticado com certa acrimônia o procedimento de vários oficiais e praças do mesmo batalhão pelos fatos ocorridos na cidade.

Não era um aviso sem fundamento, como vamos ver, embora não pudesse obter na ocasião amplos esclarecimentos.

Imediatamente preveni por minha vez o amigo Pedreira do ocorrido e tentei obter uma licença da autoridade para andar armado, embora desde então o estivesse por minha conta e risco.

Ao dobrar de uma esquina, um amigo disse-me de largo:



M. Costa Pedreira

- Cuidado que estás na lista.
- Que lista? perguntei.
- Na lista dos condenados à morte. Julgam que és o autor de uma notícias publicadas no *Oásis*...

Em seguida várias pessoas me disseram que o alfares Saldanha afirmava publicamente (talvez para me intimidar) ter vontade de me mandar desta para melhor.

Com um sorriso nos lábios, retirei-me e, fechando a minha casa, tratei de pôr-me em lugar seguro para evitar a sanha dos bandidos.

Corumbá há dias que se achava quase deserta, tudo fugia dali, numerosas famílias tinham partido para os arredores e algumas pessoas conseguiram obter agasalho na alfândega boliviana de Porto Juarez, na Lagoa do Tamengo.

A cidade estava sob o domínio do terror.

Na noite designada, com efeito, a tipografia do *Oásis* era assaltada e as portas do prédio crivadas de dezenas de balas.

Depois essa tipografia, em segundo assalto, foi invadida e incendiada, como foram outros estabelecimentos onde morreram até senhoras idosas.

Costa Pedreira e seus filhos haviam escapado como eu a uma morte certa, porque, apesar das ordens e esforços empregados, não fomos encontrados.

Demais, eu gozava de simpatias entre algumas pessoas envolvidas na odiosa tarefa.

Dirigindo-me para Ladário (uma légua Paraguai abaixo), certa noite senti repentinamente forçarem uma janela nos fundos da casa onde pernoitava, habitada pelo senhor B. Pucherio, então ausente. Valeu-me o estratagema que de antemão adotara e que surtiu magnífico efeito.



Alferes Saldanha

Consistiu na passagem de uma gaitela de uns para outros aposentos, de forma que, no momento dado, ao abrir uma porta da frente pela qual saí, dando força à mesma, provocava certo ruído com a queda dos objetos aos quais estava presa a outra extremidade, o que fez crer aos meus perseguidores que eu

despertava tateando às escuras no aposento dos fundos, quando, no entanto, ia em bom caminho.

Costa Pedreira partira bastante doente para um sítio fora da cidade, situado em uma das margens do Paraguai-mirim e propriedade de um madeirense de nome Mendes Gonçalves. Depois parti também com destino a Cuiabá, regressando ali poucos dias antes de rebentar a revolução, como relatei na parte final da minha obra *Viagem às terras goianas*.

.....

Os revoltosos de Corumbá haviam tomado a capital sem encontrarem a menor resistência por parte das forças ali estacionadas.

Diz-se que Saldanha, durante alguns dias, cometeu ali as maiores barbaridades que é dado imaginar, já fazendo uso das armas de seus sequazes contra pessoas indefesas, torturando vilmente a quanto desgraçado lhe caía nas mãos, entre os quais um pobre pai de família a quem deu uma morte lenta e cruel, depois de lhe quebrar os dentes a cabo de punhal.

Chegou, porém, a sua hora, porque nada se faz que se não pague.

Saldanha entrincheirado num quartel, no auge do seu entusiasmo pela aniquilação e destruição de tudo e de todos, ao fazer mais uma vez disparar um canhão sobre o edifício de um negociante (creio que na casa do major Cícero de Sá) teve a desdita de sentir os efeitos de terrível desastre, rebentar a peça, e não ver seu corpo que voou aos pedaços, cobrindo o solo com o seu sangue.

Triste fim e magna realidade.

Fato singular.

A esposa do major Cícero, ao ouvir o estouro produzido pela queda dos primeiros projetis sobre a sua casa, dava à luz *tranquilamente* a um interessante menino, que recebeu depois o nome de Alcebíades Guerreiro e que enche hoje de alegria a seus pais.

Terminada a revolução, com a vitória que coube às forças patrióticas comandadas pelo coronel Generoso Ponce, Cuiabá voltou a gozar novamente das delícias da paz. A Corumbá sucedeu outro tanto, onde Costa Pedreira volveu a ocupar seu posto na imprensa, continuando a publicar o seu *Oásis*.

Dando o seu retrato nesta parte da minha obra, presto a homenagem devida aquele amigo, e acerca de Saldanha cujo retrato igualmente apresento, é para lamentar a quanto foi levado pelo desvario.

Gravura

A gravura que orna o frontispício desta obra representa a ponte Buarque de Macedo, no Recife – Pernambuco. Ao fundo vê-se a torre da igreja de S. Francisco, o edifício da Intendência Municipal e o teatro de Santa Isabel, Palácio Presidencial e a Assembleia, ocultos em parte pelos arvoredos do jardim público.



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

Amor e medo
O cigarro
Os primos
Música e poesia
A herança do Cubeto
Sogra!
Cenas espíritas
Mulher de calças
Os cometas
Os intrigantes



Conto a vapor
Manias
Zoélio Derbino
História de um esqueleto
Elino
Uma noite no quilombo
Um passeio aos Campos do Jordão
De Cuiabá ao Livramento
Na Serra de S. Jerônimo
Entre mortos e feridos...

Coleção
Documentos
29

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

CENTRO DE
 LITERATURAS
 E CULTURAS
 LUSÓFONAS
 E EUROPEIAS
CLEPUL
 Faculdade de Letras da
 Universidade de Lisboa

FCT
 Fundação
 para a Ciência
 e a Tecnologia



edicoesbibliotecariograndense.com



ISBN: 978-65-87216-20-1